

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)

OSCAR FELIPE RODRIGUES RIBEIRO

DESCONTINUIDADES NO FLUXO TEXTUAL EM ENTREVISTAS DE
TALK-SHOW: MARCAS LINGUÍSTICAS E MOTIVAÇÕES
PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS

MARINGÁ-PR
2022

OSCAR FELIPE RODRIGUES RIBEIRO

DESCONTINUIDADES NO FLUXO TEXTUAL EM ENTREVISTAS DE
TALK-SHOW: MARCAS LINGUÍSTICAS E MOTIVAÇÕES
PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Descrição Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio

MARINGÁ-PR
2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R484d Ribeiro, Oscar Felipe Rodrigues
Descontinuidades no fluxo textual em entrevistas de talk-show : marcas linguísticas e motivações pragmático-discursivas / Oscar Felipe Rodrigues Ribeiro. -- Maringá, PR, 2022. 73 f.: il., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Linguística. 2. Fala. 3. Entrevistas - Língua portuguesa. 4. Entrevistas - Língua francesa. I. Antonio, Juliano Desiderato, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 410

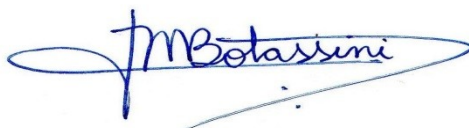
OSCAR FELIPE RODRIGUES RIBEIRO

**DESCONTINUIDADES NO FLUXO TEXTUAL EM ENTREVISTAS
DE TALK-SHOW: MARCAS LINGUÍSTICAS E MOTIVAÇÕES
PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovada em Maringá, **29 de março de 2022**.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Jacqueline Ortelan Maia Botassini
Membro Titular – UEM/PLE



Profª Drª Leticia Jovelina Storto
Membro Externo (UENP – Cornélio Procópio/PR)



Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
Presidente – Orientador

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois, tudo posso Naquele que me fortalece.

Agradeço, imensamente, o professor, doutor, amigo Juliano Desiderato Antonio, que orientou de forma brilhante a feitura dessa dissertação. Espero que, algum dia, eu possa ser uma pessoa que, ao menos, se assemelha a este homem incrível, pois ele é ‘o cara’ no qual eu me espelho. Obrigado mesmo por me guiar nesse percurso da minha vida.

À minha mãe Rose Meyre que, como todas as outras, é mais que especial. É mãe, amiga, companheira... É simplesmente tudo na minha vida, é por ela que existo e é por ela que sempre terei gratidão eterna.

Agradeço também a banca de qualificação e defesa, a professora Dra. Letícia J. Storto, a professora Dra. Jacqueline Ortelan M. Botassini pelo aceite, tempo para leitura do meu texto e por contribuírem de forma significativa para a melhoria do texto.

Aos meus familiares, agradeço pelo apoio, pela compreensão e, acima de tudo, pelo carinho durante não somente no mestrado, mas em toda a minha vida.

Agradeço também aos meus amigos, sem exceção, afinal cada um de vocês ajudou a construir o Oscar que é hoje e graças a isso fui capaz de redigir esse trabalho, pois não só de teoria se faz um trabalho, mas sim com o coração.

Meu agradecimento também aos atores do meu corpus. Talvez eles nem cheguem a ler, porém agradeço ao apresentador José Eugênio Soares, a cantora e compositora Fernanda Barbosa Takai. Aos franceses: Il me faut aussi remercier le journaliste Laurent Hugues Emmanuel Ruquier et le rappeur Rilès Kacimi.

À CAPES pelo suporte financeiro, pela bolsa de mestrado. Graças a ela pude me dedicar ao trabalho com mais afinco.

A todos os professores dos três departamentos do curso de letras da UEM: DTL (Departamento de teorias linguísticas e literárias), DLP (Departamento de Língua Portuguesa) e DLM (Departamento de Línguas Modernas), além, claro, dos professores do corpo docente do programa de Pós-graduação em Letras (PLE-UEM).

Ao Adelino e todos os funcionários do PLE, pelo zelo no atendimento.

Agradeço também a toda Universidade Estadual de Maringá (secretários, bibliotecários, zeladores, responsáveis pela segurança do campus, diretores).

Muito obrigado, sempre!

Resumo

O objetivo desta pesquisa é investigar, enumerar e analisar as discontinuidades e as fragmentações no fluxo textual da língua falada à luz de três aspectos: assaltos de turno, fenômenos intrínsecos à fala e estratégias de construção do texto falado em duas entrevistas exibidas em programas de *talk-show*. Busca-se também verificar e descrever o uso dos aspectos da fala observando possíveis diferenças e similaridades no *corpus*. A teoria que fundamenta esta pesquisa é a Perspectiva Textual-Interativa (PTI) (CASTILHO, 2004; JUBRAN, 2006a), por considerar a organização tópica, as estratégias de construção do texto e os marcadores discursivos utilizados como parte do processo interacional. A concepção de língua falada que embasa esta pesquisa considera o *continuum* fala e escrita, por entender que o *corpus* analisado são entrevistas faladas, porém com marcas de escrita, chamadas de entrevistas semirrotalizadas. As entrevistas analisadas são em dois idiomas diferentes: francês e português. Justifica-se o uso de ambos idiomas por fazer parte da formação docente do responsável pela pesquisa. Elas foram retiradas de canais com grande audiência em seus respectivos países de exibição. A entrevista em francês é do programa “On n’est pas coucher”, apresentado por Laurent Ruquier, e a segunda entrevista, em língua portuguesa, é do “Programa do Jô”, apresentado por Jô Soares. A análise quantitativa e qualitativa evidencia que as discontinuidades textuais são bem comuns em ambas as entrevistas, mostrando que, mesmo sendo em idiomas diferentes, os recursos de que os falantes dispõem para construir o seu texto e as motivações para o uso desses recursos são similares.

Palavras-chave: Entrevistas semirrotalizadas, Fala, Descontinuidade Textual.

RIBEIRO, Oscar Felipe Rodrigues. **Discontinuities in the textual flow in talk-show interviews: linguistic marks and pragmatic-discursive motivations.** 2022. Dissertation (Master's in Linguistic Studies) - State University of Maringá, 2022.

ABSTRACT

The purpose of this research is to investigate, enumerate and analyze the discontinuities and fragmentations in the textual flow in the light of three aspects: turn-taking, intrinsic phenomena in speech and strategies of construction of the spoken text in two interviews exhibited on talk-show programs. Therefore, we also seek to verify and describe the use of speech aspects, observing possible differences and similarities in the *corpus*. The theory underlying this study is the Textual Interactive Perspective (CASTILHO, 2004; JUBRAN, 2006a), as it considers the topic organization, text construction strategies and the discursive markers used as part of the interactional process. The concept of spoken language, in which this research is based, considers the speech and writing continuum, as it understands that the analyzed *corpus* is composed of spoken interviews, but with writing marks, called semi-scripted interviews. The analyzed interviews are in two different languages: French and Portuguese. The use of both languages is justified as it is part of the teacher training of the researcher in this study. The interviews were taken from channels that had large audiences while broadcasting. The French interview is from the program “On n’est pas couché”, presented by Laurent Ruquier, and the second interview, in Portuguese, is from the “Programa do Jô”, presented by Jô Soares. The quantitative and qualitative analysis highlights that textual discontinuities are very common in both interviews, showing that even though they are in different languages, the resources that speakers have to build their text and the motivations for using these are similar.

Keywords: Semi-scripted interviews; Speech; Textual Discontinuity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Contínuo fala e escrita.....	12
FIGURA 2 – Distribuição de gêneros textuais no contínuo fala e escrita.....	13
FIGURA 3 – A noção de verticalidade do tópico discursivo.....	23

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Circunstâncias de realização de entrevistas.....	18
QUADRO 2 – Características do texto falado.....	25
QUADRO 3 – Possíveis características do turno conversacional.....	25
QUADRO 4 – Códigos para transcrição.....	39

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Quantidade de ocorrências de Assalto de Turno.....	41
TABELA 2 – Marcas Formais de Assalto de Turno.....	44
TABELA 3 – Aspectos Formais de Hesitação.....	47
TABELA 4 – Interrupção: autointerrupção x heterointerrupção.....	50
TABELA 5 – Repetição: autorrepetição x heterorrepetição.....	53
TABELA 6 – Tipo de correções nas entrevistas.....	55
TABELA 7 – Parênteses – No segmento parentético x No segmento-contexto.....	59
TABELA 8 – Tematizações nas entrevistas.....	63

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	07
SESSÃO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 PERSPECTIVA TEXTUAL-INTERATIVA.....	10
1.2 O <i>CONTINUUM</i> FALA E ESCRITA.....	11
1.3 O GÊNERO ENTREVISTA	16
1.3.1 CARACTERÍSTICAS DA ENTREVISTA.....	20
1.4 A INTERAÇÃO E O TÓPICO DISCURSIVO.....	22
1.5 A FALA E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	24
1.5.1 Disputa por turnos.....	26
1.5.2 Fenômenos intrínsecos à fala	28
1.5.2.1 Hesitação.....	28
1.5.2.2 Interrupção.....	29
1.5.3 A construção do texto falado	31
1.5.3.1 Repetição.....	31
1.5.3.2 Correção.....	32
1.5.3.3 Parentetização.....	33
1.5.3.4 Tematização e Rematização.....	34
SESSÃO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	36
2.1 NATUREZA, ONTOLOGIA E EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA.....	36
2.2 DADOS.....	38
SESSÃO 3 – ANÁLISE DOS DADOS.....	41
3.1 DISPUTA POR TURNOS.....	41
3.2 HESITAÇÃO.....	47
3.3 INTERRUPÇÃO.....	50
3.4 REPETIÇÃO.....	53
3.5 CORREÇÃO.....	55

3.6 PARENTETIZAÇÃO.....	58
3.7 TEMATIZAÇÃO E REMATIZAÇÃO.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	69

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente dissertação, ancorada na Perspectiva Textual-Interativa (doravante PTI), trata da língua falada em entrevistas veiculadas em programas de *talk-shows*. A PTI é uma perspectiva que entende a linguagem como uma forma de ação e de atividade entre dois falantes (Castilho, 2004). O uso desta teoria baseia-se no fato de ela prever a organização tópica, estratégias de construção do texto e os marcadores discursivos utilizados como parte do processo interacional.

O gênero proposto para análise faz parte da quantidade inesgotável de gêneros presentes na atividade humana. De acordo com Bakhtin (2011), os gêneros são formas relativamente estáveis que refletem enunciados compostos por estruturas composicionais, estilo de linguagem e conteúdo temáticos específicos de cada campo da atividade humana.

A concepção de língua falada que embasa esta dissertação se situa no contínuo fala/escrita. De acordo com Marcuschi (1997), em um lado do *continuum* fala e escrita, encontra-se a fala não planejada, informal (conversa espontânea, por exemplo) e, na outra extremidade, a escrita planejada, formal (texto acadêmico, por exemplo). A produção de fala não planejada é marcada, segundo Koch (2006a), pela presença de fragmentações e descontinuidades no fluxo discursivo. Como consequência, encontram-se, em textos orais, falsos começos, correções, hesitações, inserções parentéticas, repetições, etc., que funcionam, na maioria das vezes, como estratégias de construção do texto falado. O interesse deste trabalho recai sobre as descontinuidades do fluxo discursivo.

As descontinuidades podem ser observadas em vários fenômenos orais. Um desses elementos é o assalto de turno, bem como as motivações e marcadores discursivos para sua efetivação. Outra manifestação de descontinuidades são fenômenos intrínsecos da oralidade como a hesitação e a interrupção. E, por fim, há também as estratégias de construção do texto falado (repetição, correção, parentetização, tematização/rematização), que provocam, em textos orais, fragmentações e descontinuidades.

O assalto de turno é, de acordo com Goulard (2019), a alternância não natural dos turnos entre falantes em decorrência de não haver um *semáforo* que sinaliza o início e o fim de cada turno. Os fenômenos intrínsecos da oralidade, segundo Jubran e Koch (2006), se

manifestam em todos os gêneros falados, portanto não são tidos como estratégias. E, por último, o outro ponto de análise refere-se às estratégias de construção do texto falado que, diferentemente dos fenômenos intrínsecos da oralidade, são ajustes necessários na “formulação textual em processo, tendo em vista a eficácia comunicativa” (JUBRAN, 2006a, p. 33).

A partir deste contexto e inspirado em estudos provenientes do Projeto de Gramática do Português Falado iniciado pelo prof. Ataliba Teixeira de Castilho (USP, Unicamp), o presente trabalho busca analisar, em entrevistas exibidas em programas de *talk-show*, as discontinuidades no fluxo textual à luz de três aspectos: assaltos de turno, fenômenos intrínsecos da fala e estratégias de construção do texto falado.

As entrevistas analisadas são em dois idiomas: português e francês. A escolha dos dois idiomas justifica-se pelo fato de o autor desta dissertação ser licenciado em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) desde 2019. Os estudos linguísticos no período acadêmico careceram de análises ou textos que levassem em conta a língua francesa, nascendo, assim, a inquietação por trabalhos que considerassem o francês como um possível *corpus* para análises linguísticas.

Esta pesquisa se justifica, também, pelo fato de que, em geral, a maioria dos trabalhos investiga a língua falada espontânea. Nesta dissertação, pelo contrário, analisa-se a língua falada em um gênero semirroteirizado, a saber, a entrevista de programa de *talk-show*. Em entrevistas, os tópicos são previamente determinados, porém o questionamento que se faz é se, no desenvolvimento dos tópicos, a fala ocorre de maneira espontânea, ou seja, marcada pela presença de discontinuidades ou fragmentações no fluxo discursivo.

Além do objetivo principal deste trabalho, que é investigar os fenômenos e as estratégias da língua falada, bem como os mecanismos de assalto de turno utilizados pelos participantes nas entrevistas, a pesquisa também tem os seguintes objetivos específicos: a) verificar se há diferenças no uso das estratégias e mecanismos de um idioma para outro; b) descrever as motivações para o uso dos fenômenos, das estratégias e dos mecanismos investigados no trabalho.

A entrevista em francês é do programa “On n’est pas coucher”, apresentado por Laurent Ruquier, exibida no canal francês “france 2” no dia 14 de setembro de 2019. Com duração de 15m10s, o entrevistado foi o cantor francês Rilès. A segunda entrevista, em língua

portuguesa, é do “Programa do Jô”, apresentado por Jô Soares, exibido na Rede Globo no dia 10 de abril de 2008. Com duração de 17m58s, a entrevistada foi a cantora Fernanda Takai. Apesar da diferença temporal entre uma e outra (11 anos), a seleção de ambas justifica-se pelos motivos a seguir:

- A duração das entrevistas gira em torno de 15/20 min;
- As entrevistas foram exibidas em programas de *talk-show* de grande audiência em seus respectivos países de origem (França e Brasil);
- Em ambas, o(a) convidado(a) é um(a) cantor(a);
- O tema principal que permeia ambas é falar sobre lançamento de discos e trajetória musical.

Com o intuito de cumprir os objetivos propostos, o trabalho divide-se em outras quatro partes além desta introdução: fundamentação teórica, metodologia, análise dos dados e considerações finais. No capítulo de fundamentação teórica, apresentam-se as linhas teóricas que sustentam as análises, bem como uma breve reflexão a respeito do *continuum* fala e escrita, das características do gênero entrevista e as definições dos fenômenos analisados (assalto de turno, características intrínsecas na fala e estratégias de construção do texto falado). Em seguida, o capítulo metodológico tem a função de detalhar os procedimentos de coleta e transcrição do *corpus*, bem como as linhas filosóficas que orientam o percurso analítico. Na sequência, encontra-se a parte central do trabalho, que consiste na apresentação e na análise dos resultados. Por fim, apresentam-se as considerações finais referentes aos resultados da pesquisa.

1 Fundamentação Teórica

1.1 Perspectiva Textual-Interativa

A teoria que norteia a análise de língua falada do presente trabalho é a Perspectiva Textual-Interativa. Essa perspectiva parte do pressuposto de que a linguagem é “(...) uma manifestação da competência comunicativa, definível como a capacidade de manter a interação social, mediante a produção e entendimento de textos (...)” (JUBRAN, 2006a, p. 27). Castilho (2004), um dos precursores de estudos acerca da língua falada no Brasil, compreende a PTI como:

uma concepção específica de linguagem, que passa a ser vista como uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre dois protagonistas, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias da enunciação, de que fazem parte os entornos espaço-temporal e histórico-social que unem os interlocutores. (CASTILHO, 2004, p. 82).

O objeto de estudo na PTI é o texto, entendido por Castilho (2004) como um produto linguístico marcado pela dinâmica da atuação interacional. O texto falado, concebido verbalmente, passa a ter, de acordo com a PTI, regularidades próprias de organização. O objetivo de uma descrição textual-interativa é, então, apontar suas regularidades mais relacionadas ao processamento de estruturas (JUBRAN, 2006a, p. 31).

A formação teórica da PTI advém de outras três bases teóricas que fundamentam a presente dissertação. A primeira base é a pragmática, que contribui com a PTI ao pressupor as questões de linguagem situadas em um dado contexto e as condições de sua efetivação (JUBRAN, 2006a). Outra linha teórica é a Linguística Textual, que, por sua vez, fornece subsídios teóricos para o estudo dos diálogos face a face (JUBRAN, 2006a). Além da pragmática e da linguística textual, a análise da conversação faz parte do tripé teórico da PTI. Esta pressupunha, nos seus estudos iniciais, a comunicação face a face, realizada em situações informais e com trocas de turno constantes, porém sem um foco em questões linguísticas. Mas, em desdobramentos posteriores, a análise da conversação passou a incluir questões mais

amplas acerca da língua falada e não somente calcada em conteúdos etnometodológicos (JUBRAN, 2006a).

A investigação da PTI, segundo Castilho (2004), é a natureza e a especificidade de produção do texto falado. Além disso, o autor acrescenta que a PTI investiga, também, a organização tópica, as estratégias de construção do texto e os marcadores discursivos utilizados no processo interacional.

Após o panorama teórico norteador da presente dissertação, faz-se necessário discorrer sobre os pressupostos teóricos acerca do gênero entrevista, das relações entre interação e tópico discursivo, da língua falada, bem como as estratégias de que o falante dispõe para construção de sua fala. Além disso, levantar-se-ão as características de entrevistas e suas especificidades.

1.2 O *continuum* fala e escrita

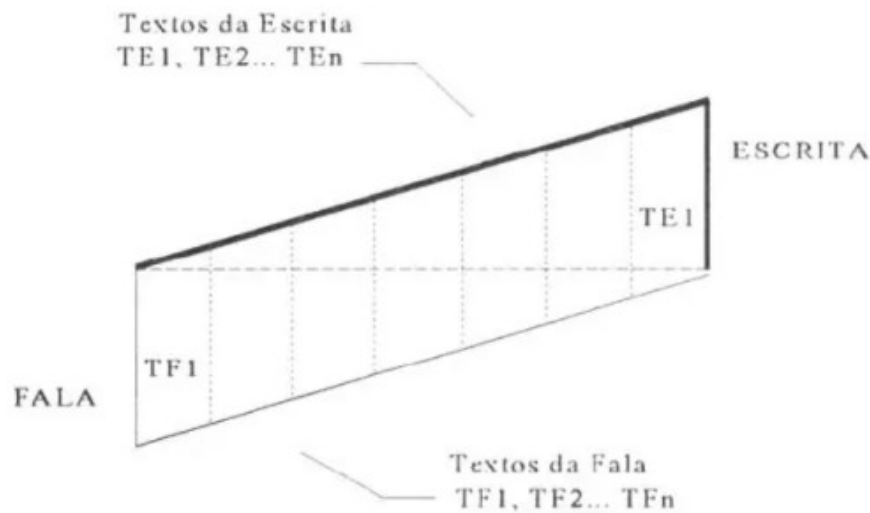
Os estudos que tratam da fala e da escrita mostram que cada manifestação apresenta características prototípicas, entretanto não é possível separá-las de maneira formal. Barros (2000) afirma haver uma impossibilidade de separar ambas as modalidades de forma estanque. Ademais, não há critérios formais para caracterizar uma forma como superior à outra. Como lembra Marcuschi (2001), a superiorização da escrita perante a fala é fundamentada em aspectos ideológicos, e não linguísticos. Segundo Street (1995, *apud* Marcuschi e Dionísio, 2007, p. 27), a fala precede a escrita no quesito cronológico; porém, no quesito de prestígio social, a escrita, em algumas sociedades, é mais valorizada, mas, como já mencionado, não passa de critério ideológico, sem parâmetros científicos.

Sobre não haver uma diferença formal entre fala e escrita, Barros (2000) ressalta que a fala e a escrita são modos complementares de ver o mundo, e não sistemas paralelos em que um não influencia o outro. Marcuschi e Dionísio (2007) afirmam que a fala e a escrita são realizações de um mesmo sistema linguístico, porém cada um com história e representações próprias. Os autores consideram ambas como maneiras de textualizar e produzir discursos.

Entretanto, há como elencar alguns elementos específicos da fala e outros da escrita, pois existem diversas formas de falar e de escrever. A fim de se obterem os componentes prototípicos de cada manifestação, adotam-se, como usos prototípicos de cada modalidade, a

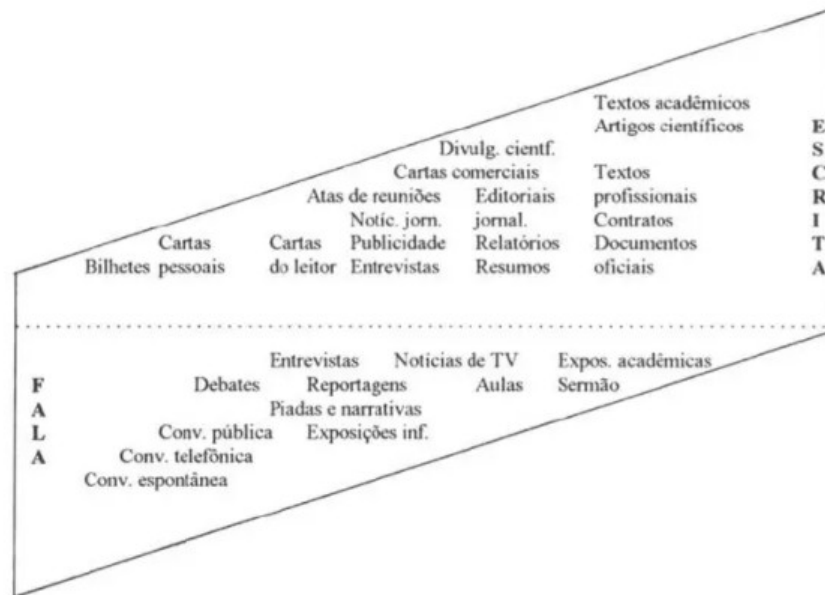
conversa espontânea no eixo da fala e o texto acadêmico no eixo da escrita. Para Marcuschi (1997), uma conversa espontânea é um exemplo típico de fala por não haver nenhum elemento de escrita nela, ou seja, a conversa ocorre de maneira que o planejamento e a produção (fala) são concomitantes. Por outro lado, no eixo da escrita, a representação de um texto acadêmico é elaborado para não apresentar nenhum traço da fala, dado ao fato de sua natureza altamente formal. No contínuo fala e escrita proposto por Marcuschi (1997), em um extremo, tem-se a fala não planejada, informal (conversa espontânea) e, no outro, a escrita planejada, formal (texto acadêmico). Adotam-se, portanto, essas manifestações prototípicas nos extremos do continuum, ou seja, em uma representação prototípica da língua falada (por exemplo, uma conversa espontânea) e outra da língua escrita (por exemplo, um artigo científico). As ilustrações a seguir exemplificam o contínuo:

Figura 1 – Contínuo fala e escrita



Fonte: Marcuschi (1997, p. 136).

Figura 2 – Distribuição de gêneros textuais no contínuo fala e escrita



Fonte: Marcuschi (1997, p. 137).

Observa-se, na figura 2, que o gênero entrevista, proposto nesta dissertação, está no quadrante *fala*, porém em direção ao eixo *escrita*, revelando assim que o gênero é falado, mas com traços da escrita, ou seja, a entrevista encontra-se situada relativamente no meio do *continuum*. Isto posto, vem à luz a noção de exteriorização ou a natureza do meio em que o texto foi expresso. Marcuschi (1997) considera que a noção de texto falado e escrito é diferente de concepção oral e concepção escrita. Segundo o autor, um texto falado ou escrito relaciona-se ao ponto de vista cognitivo, ou seja, como ele é exteriorizado. Por sua vez, concepção oral ou escrita refere-se à sua forma original de produção (oral ou escrita). As entrevistas, portanto, apresentam traços de concepção escrita, porém sua forma de produção é falada.

Chafe (1994) revela que, do ponto de vista físico, fala e escrita se diferenciam pelas suas manifestações. O autor expõe que o ato de falar tem uma dependência de som, e o de

escrever, uma dependência da visão, favorecendo algumas diferenças em cada modalidade. Para Chafe (1994), a fala é fugaz e passageira, limitada a um pequeno raio no qual ela é produzida e mantida brevemente em uma memória chamada ecoica, enquanto a escrita é mais duradoura, pois, sendo representada por marcas visíveis e havendo a possibilidade de essas marcas serem transportadas de um lugar ao outro, ela perpassa o tempo.

Outro fator de diferença, segundo Chafe (1994), é o tempo na fala e na escrita. O autor afirma que a fala é produzida mais rapidamente que a escrita, dado o fator mecânico. Em outras palavras, escrever demanda mais tempo, pois o sujeito precisa pensar e colocar no papel (escrever) seu pensamento, e o ato de escrever é mais lento se comparado ao ato de falar.

Ainda sobre o tempo, tem-se que

O texto escrito é planejado tanto do ponto de vista temático (escolha dos assuntos a serem tratados) quanto lingüístico-discursivo. A fala tem certo planejamento temático, isto é, de escolha de tópico para que a conversação se desenvolva, mas a maior parte das escolhas temáticas e lingüísticas se faz durante a conversa. É a questão do tempo também que dá à escrita a possibilidade de reelaborar seu texto sem deixar marcas – revê-se o que se escreveu, volta-se atrás, apagam-se os erros e hesitações, evitam-se as repetições –, e de apresentá-lo como algo acabado. A fala, ao contrário, expõe as marcas deixadas pela formulação e pelas reelaborações, oferecendo sempre pistas e traços das revisões, das mudanças de encaminhamento, das reformulações, sob a forma de procedimentos de correção, paráfrase, hesitação, repetição, interrupção, etc. (BARROS, 2000, p. 60).

Além disso, Chafe (1994) também diferencia fala e escrita pela riqueza da prosódia e pela naturalidade. A riqueza prosódica da fala é maior se comparada à escrita, pois, para o autor, elementos como tons, proeminências, pausas, mudanças na qualidade da voz enriquecem muito a fala, e tais recursos não aparecem na escrita, ou, pelo menos, não com tanta eficácia como na fala. No que concerne à naturalidade, o autor associa a fala como sendo natural do ser humano, enquanto a escrita só se adquire caso o falante seja ensinado por um terceiro.

Marcuschi e Dionísio (2007) apontam alguns elementos importantes que merecem atenção para estudos sobre fala e escrita. O primeiro deles é pensar a fala e a escrita não como dicotômicas, mas dentro de um contínuo ou gradação que perpassa os gêneros textuais. Além disso, fala e escrita apresentam uma variação relativamente considerável. Tanto um quanto o outro apresentam um uso diferenciado das condições contextuais na produção textual, ou seja,

como a fala é (levando em conta um diálogo presencial) face a face, o uso de elementos dêiticos, pronominais e elipses é mais comum se comparado à escrita que, em suma, tende a ser feita em forma de monólogo. Os autores consideram que atividades metaenunciativas são mais frequentes na fala do que na escrita. Essas características dizem respeito a comentários, referências ou reportes ao que enuncia, afinal, pode ser, majoritariamente, face a face, o interlocutor tem a possibilidade de expor sua opinião sobre a fala do outro.

Alguns outros fatores a se considerar quando se estudam fala e escrita, segundo Marcuschi e Dionísio (2007), são, primeiramente, pensar em metodologias e categorias de análise adequadas para cada modalidade. Os autores tomam como equivocadas análises que caracterizam a fala como contextualizada, implícita, informal, instável e variável, ao passo que a escrita seria descontextualizada, explícita, formal, estável e homogênea.

Também Barros (2000) apresenta aspectos diferenciadores da escrita e da fala, a saber: o espaço e o ator. Levando em consideração uma representação da fala de uma conversa informal face a face entre duas ou mais pessoas, os sujeitos poderiam empregar recursos como expressões faciais, gestos, elementos dêiticos etc., afinal eles partilham o mesmo espaço e contexto situacional. Esses recursos, segundo a autora, não seriam possíveis observar nos textos escritos, pelo fato de os sujeitos não partilharem o mesmo local.

A autora caracteriza os participantes da interação à luz da Semiótica, que os designa como sujeitos responsáveis pela organização da narrativa do discurso. Com isso, Barros (2000) levanta alguns traços que distinguem fala e escrita:

- a) Construção coletiva x Construção individual: diz respeito ao texto que é construído coletivamente (dois ou mais interlocutores próximos entre si, em que um ajuda o outro na sua fala) ou construído individualmente, em que o sujeito sozinho escreve o texto que será lido em um momento posterior.
- b) Alternância de papéis x Ausência de alternância de papéis: refere-se à alternância de papéis que há em um texto falado face a face em que um sujeito ora é ouvinte, ora é falante. Esses papéis não aparecem em textos escritos.
- c) Simetria x Assimetria: Em suma, simetria corresponde à posição de igualdade em que os atores de língua falada estão (a autora ressalta que os papéis sociais estão

equilibrados); enquanto, na assimetria, escritor e leitor não estão nesse mesmo patamar de igualdade social, portanto diz-se da escrita como assimétrica.

- d) Descontração x Formalidade: Uma conversa informal seria uma representação descontraída, ao passo que um texto escrito é tido como formal.

As características apontadas até aqui mostram que a fala e a escrita, apesar de serem representações de um mesmo sistema linguístico, apresentam propriedades próprias e se diferem em alguns aspectos. Existem inúmeros gêneros que perpassam a fala e escrita, e como já mencionado acima, eles estão em um contínuo. Barros (2000) fala a respeito das posições intermediárias, que seriam essas variações de gêneros que ora são escritos e apresentam características orais, ou ora são falados e carregam traços escritos.

1.3 O gênero entrevista

Primeiramente, não há como pensar em estudos referentes a gêneros sem mencionar Mikhail Bakhtin, afinal, graças a ele é que se tem a atual concepção de estudos acerca de textos. Porém, o mérito não recai somente sobre Bakhtin, mas também sobre outros estudiosos/filósofos que compunham o círculo de Bakhtin e que proporcionaram o entendimento que se tem hoje sobre os gêneros. Sobre esses outros nomes, Brait e Campos (2009) destacam alguns, tais como “V. N. Voloshinov (1895-1936), P. Medvedev (1892-1938), I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1937), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov (1899-1934), I. Sollertinski (1902-1944), B. Zubakin (1894-1937)” (BRAIT e CAMPOS, 2009, p. 17). Vale ressaltar que as autoras mencionam também que existe certa dúvida quanto à autenticidade de certas ideias/conceitos considerados bakhtinianos.

No que se refere à definição, Bakhtin (2011) entende os gêneros como formas relativamente estáveis que refletem enunciados compostos por estruturas composicionais, estilo de linguagem e conteúdo temáticos específicos de cada campo da atividade humana. O autor ressalta que a quantidade de gêneros é inesgotável, pois as atividades humanas são infinitas e multiformes.

Além das concepções bakhtinianas sobre gênero, a presente dissertação fez uso das definições propostas por Bonini (2011). Para o autor, gênero é “uma interação linguageira que se caracteriza por uma organização composicional, um modo característico de recepção e um modo característico de produção” (BONINI, 2011, p. 688). Assim como os demais gêneros, as entrevistas entram nesta concepção por apresentarem a estrutura organizacional do gênero e seus modos de recepção e produção são a ação de escutar e a ação de falar.

No que diz respeito às características do gênero entrevista, Lage (1999) assevera ser um processo clássico para apurar informações em jornalismo. O autor revela haver uma pluralidade de sentidos na palavra entrevista, podendo ser entendida como: (a) apuração de informações; (b) uma conversa de duração variável; (c) a publicação do material colhido em “b”. A noção adotada neste trabalho coincide com “b”, pois as entrevistas analisadas são conversas entre duas ou mais pessoas com duração variando entre 15 a 20 minutos.

Outro fator fundamental levantado por Lage (1999) é o objetivo das entrevistas que dão luz aos seus tipos. O primeiro tipo é entrevista ritual, que tem seu ponto central na exposição do entrevistado e não no que ele tem a dizer. O segundo tipo é entrevista temática sobre a qual se supõe um conhecimento e/ou autoridade por parte do entrevistado para discorrer. Na sequência, Lage (2005) menciona que há entrevistas do tipo testemunhais, quando o entrevistado relata algo que ele vivenciou ou assistiu. E, por fim, há também, segundo o autor, entrevistas em profundidade, cujo objetivo “não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida” (LAGE, 2005, p. 33).

Isto posto, enquadram-se as duas entrevistas analisadas neste trabalho como do tipo profundidade. As informações tratadas em ambas as entrevistas são as atividades desenvolvidas pelos músicos Rilès e Fernanda Takai, além de tratarem de outros aspectos da vida de cada um deles.

Há também diferenciação de entrevistas quanto às circunstâncias de realização. No quadro a seguir, expõem-se as 4 formas possíveis.

Quadro 1 – Circunstâncias de realização de entrevistas

(a) OCASIONAIS	“São entrevistas não programadas – ou, pelo menos, não combinadas previamente - em que o entrevistado é questionado sobre algum assunto. O resultado é eventualmente interessante porque, sem se ter preparado e preso ao compromisso de veracidade e relevância de qualquer conversa (as máximas de Grice), o entrevistado pode dar respostas mais <i>sinceras</i> ou menos cautelosas do que se se tivesse programado anteriormente” (LAGE, 2005, p. 33).
(b) CONFRONTOS	“São entrevistas em que o repórter assume o papel de inquisidor, despejando sobre o entrevistado acusações e contra-argumentando, eventualmente com veemência, com base em algum <i>dossier</i> ou conjunto acusatório. O repórter atua, então, como promotor em um julgamento informal. A tática é comum em jornalismo panfletário, quando se pretende ‘ouvir o outro lado’ sem lhe dar, na verdade, condições razoáveis de expor seus pontos de vista. Dependendo da habilidade retórica do entrevistado e da competência acusatória do repórter, a entrevista pode transformar-se em um espetáculo de constrangimento ou, pelo contrário, em uma peça de redenção; em suma, o repórter ou o entrevistado, o que é mais raro, podem ganhar” (LAGE, 2005, p. 33).
(c) COLETIVAS	“O entrevistado é, aí, submetido a perguntas de vários repórteres, que representam diferentes veículos, em ambiente de maior ou menor formalidade. Entrevistas coletivas são comuns quando há interesse geral por algum (ou alguns) personagens que acabam de participar de ou assistir a um evento interessante. São também programadas como parte da promoção de espetáculos, eventos culturais ou vendas de produtos que embutem alguma criação ou tecnologia” (LAGE, 2005, p. 33).
(d) DIALOGAIS	“São as entrevistas por excelência. Marcadas com antecipação, reúnem entrevistado e entrevistador em ambiente controlado – sentados, em geral, e, de preferência, sem a interveniência de um aparato (como uma mesa de escritório) capaz de estabelecer hierarquia (quem se sinta diante das gavetas da mesa assume, de certa forma, posição de mando). Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões colocadas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados” (LAGE, 2005, p.34).

(Fonte: LAGE, 2005, p. 33 a 34) – Elaboração própria

A circunstância de realização observada nas duas entrevistas é a dialogal, pois os aspectos mencionados pelo autor são observados em ambas. Primeiramente, as entrevistas apresentam uma marcação prévia, afinal são programas televisionados, portanto há um agendamento antecipado. Segundo aspecto, ambas as entrevistas são em ambiente controlado com todos os personagens sentados. O diálogo estabelecido é gerado a partir de questões colocadas pelo entrevistador, porém não se limitam aos tópicos elencados, seja pela produção do programa, seja pelo apresentador.

Lage (2005) discorre também sobre as apresentações da entrevista, podendo ser no jornalismo impresso, no rádio ou na televisão. A entrevista apresentada em jornais impressos pode ser tratada como notícia, ou seja, “selecionam-se as proposições mais relevantes dentre

aquelas das respostas, ordenam-se da mais relevante para a menos relevante e se transcrevem nessa ordem, intercalando as informações ambientais (...)” (LAGE, 2005, p. 37). Já entrevistas em rádio ou em televisão apresentam, segundo Lage (2005), algumas similaridades. Elas podem ser: i) ocasionais e ao vivo; ii) ocasionais e gravadas; iii) produzidas ao vivo; iv) produzidas em gravação. A diferença de entrevistas em rádio e em televisão se dá pelo fato de o veículo televisivo proporcionar a imagem (entrevistado, entrevistador, roupas, gestos, cenário, etc.). O autor menciona também que em *talk show*, que é o programa televisivo do qual se retiraram ambas as entrevistas analisadas, o entrevistado pode se tornar a estrela do programa acarretando prejuízos na informação, porém não ao público.

Acerca do roteiro, Taboada (2004) considera a entrevista uma conversa programada, ou seja, por mais que apresente um formato de conversa espontânea, há traços de semirrotterização, que, segundo a autora, fora escrito previamente. Ela cita também que esse tipo de interação via fala é dividida em três estágios: a) abertura; b) performance conversacional; c) fechamento. Em outras palavras, a autora considera essa organização tripartite como sendo entrada, corpo e saída. O primeiro estágio é responsável por uma possível saudação inicial, sendo que não há uma obrigatoriedade de essa etapa ocorrer. Já o segundo estágio é considerado vital, segundo a autora, pois as informações, os objetivos (sociais e práticos) estão circunscritos nele. Por fim, no estágio de fechamento, há o término do tópico/proposição da conversa.

No que concerne ao programa de *talk show*, Bonini (2003) o classifica como um hipergênero, ou seja, uma mídia televisiva composta por diversos gêneros (anúncios, vinhetas, chamadas, entrevistas, etc.). Acerca do hipergênero, tem-se que:

São categorizações como ‘diálogo’, ‘carta’, ‘jornal’, etc., que permitem formatar o texto. Não se trata como o gênero do discurso, de um dispositivo de comunicação historicamente definido, mas um modo de organização textual como restrições fracas, que encontramos em épocas e em lugares diversos e no interior do qual encenações de falas diversificadas podem desenvolver (MAINGUENEAU, 2004, p.54).

Portanto, as entrevistas analisadas são um gênero do discurso da esfera da comunicação. Além disso, ambas as entrevistas foram retiradas de programas de *talk show*, que é classificado como um hipergênero, comportando, dentro de si, outros diversos gêneros.

1.3.1 Características da entrevista

A entrevista pode ser materializada de duas maneiras: falada ou escrita. Como o foco do presente trabalho é análise de língua falada, priorizaram-se pontos referentes às entrevistas orais.

Entrevista é um gênero pertencente à esfera da comunicação, como afirma Fávero (2000), todavia a autora salienta também que todos estamos, de certa forma, na posição de entrevistadores ou de entrevistados. A autora afirma que a entrevista tem como objetivo o inter-relacionamento humano, porém com posições e direitos diferentes entre os participantes. Segundo ela,

Na verdade, as relações de poder entre eles deixa-os em diferentes condições de participação no diálogo, havendo um direcionamento maior ou menor da interação: o entrevistador pode simplesmente cumprir o papel de obter respostas ou dirigir de tal maneira que o entrevistado é conduzido às respostas preestabelecidas por aquele; não precisamos ser grandes conhecedores para detectar o que ocorre e, frequentemente, ouvimos comentários do tipo: “o repórter não deixou Fulano falar e cortou (FÁVERO, 2000, p. 80).

Fávero (2000) afirma que existem dois papéis no jogo de entrevistador/entrevistado. Tomando como base que toda entrevista é vista (ou lida, caso seja escrita) por um terceiro (audiência), ambos se tornam cúmplices em compartilhar a comunicação, mas oponentes ao disputarem a conquista do público.

As entrevistas são tripartites¹, contudo o foco de análise recai sobre a performance conversacional, entretanto há de se estabelecer as relações entre os três estágios.

(A) JÔ: Ela é cantora,
 ..de uma BAN::da::: de pop rock.
 ..PAto FU.
 ..e gravou um disco solo eu vou conversar,
 ..com Fernanda TaKA::I.

(B) JÔ: como é que foi isso?

(C) Laurent: Obrigado por ter aceitado nosso convite² (tradução própria)

1 Abertura, performance conversacional e fechamento (Taboada, 2004).

2 Laurent : Merci pour avoir accepté notre invitation.

Os segmentos de fala acima exemplificam as três etapas de uma entrevista segundo a autora supracitada. No trecho (A), o convidado chega para a entrevista e marca sua presença, de maneira cômica, dizendo “sentei”, dando a entender o início da conversa. Em (B), o entrevistador lança um questionamento à entrevistada solicitando um esclarecimento sobre algum assunto, marcando o estágio de performance conversacional. Por fim, no último exemplo, (C), o entrevistador agradece o convidado por ter aceito o convite, encerrando, assim, o programa.

Outra característica das entrevistas, segundo Fávero (2000), é que elas apresentam três momentos: preparação, entrevista em si e edição. Por haver essa preparação prévia, a entrevista marca um tipo especial de texto falado, afinal o entrevistador prepara previamente seu discurso e, com isso, acaba diminuindo o uso de marcadores orais. Além disso, há casos em que o entrevistado também é preparado previamente. O momento da edição seria a preparação do material para expor à audiência, esse momento é visto com mais frequência em entrevistas escritas, pois nas orais não há como cortar uma fala ou segmentos de fala só porque os participantes fizeram uso de alguma das estratégias de fala prototípicas de discursos orais.

A estratégia mais comum, segundo o autor, para o jogo de interação entre os participantes da entrevista é o par dialógico Pergunta-Resposta (P-R). Levinson (1983 *apud* FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 134) define que enunciados pares devem, basicamente, ser:

- i. adjacentes;
- ii. produzidos por falantes diferentes;
- iii. ordenados (uma primeira parte seguida de uma segunda parte);
- iv. formados por duas partes (um P sempre apresenta um R);
- v. governados por uma regra conversacional.

Sobre as funções de P-R, de acordo com Fávero (2000), a utilização de P pode acontecer para introduzir um novo tópico, ou seja, inicia-se uma entrevista com alguma pergunta ou, ainda, introduz-se um novo tópico por meio de P. A continuidade do tópico é marcada pelo jogo de interação entre P-R. Outra função é o redirecionamento do tópico que,

segundo o autor, quando ocorrem desvios no assunto discutido, cabe ao entrevistador retomar o tópico original por meio de P. Por fim, P-R podem servir para mudança de tópico, pois alternar o tema pode ocorrer por diversos motivos, seja por problemas no contexto, esgotamento de informações, não querer mais comentar sobre o assunto proposto, dentre outros fatores que fazem que o entrevistador utilize P para criar um tópico e obter responsividade por parte do entrevistado que deverá emitir novas Rs.

Na sequência, Fávero (2000) trata da natureza do par P-R, ou seja, qual objetivo da Pergunta. Primeiramente pode ser um pedido de informação, em que o entrevistador utiliza P para obter uma informação; com isso, o entrevistado pode limitar-se a dizer somente o questionado, fazendo uso de R. Há também o pedido de confirmação, comumente utilizado após obter uma informação e, para sustentar tal informação, o entrevistador pede uma confirmação. Outro objetivo é o pedido de esclarecimento, pois, caso não se consiga compreender o que foi dito pelo entrevistado, lhe é solicitado, por meio de P, a repetição parcial ou total de sua R. Por fim, há também a pergunta retórica, utilizada quando o entrevistador já conhece a resposta, mas faz uso do recurso para manter a interação.

1.4 A interação e o tópico discursivo

Além dos conceitos supracitados, dois outros conceitos se fazem necessários, afinal, a interação e o tópico discursivo permeiam toda a análise proposta. A interação é um elemento do processo de comunicação, de significação e de construção de sentido inerente ao ato de linguagem, e, por meio desse fenômeno sociocultural, pode-se descrever, analisar, interpretar e analisar as características linguísticas e discursivas (BRAIT, 1993). O tópico discursivo é entendido como o assunto ou ideia de que se fala e, além disso, é considerado um dos elementos essenciais em estudos de língua falada (GALEMBECK, 2014a). Segundo o autor, o conceito de tópico como assunto deve levar em consideração o processo de interação, pois a interação influencia na sequência tópica.

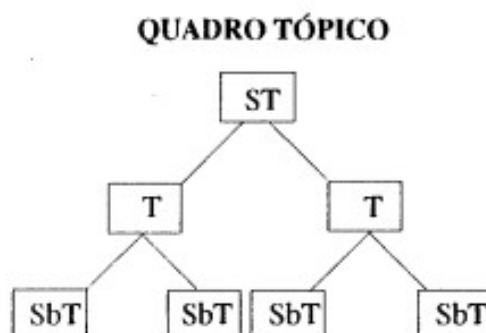
O estudo interacional de um texto permite, segundo Brait (1993), uma abordagem que verifica as relações interpessoais e intersubjetivas do evento conversacional.

Isso significa observar no texto verbal não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer) que, juntamente com

outros recursos, tais como entoação, gestualidade, expressão facial etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões (BRAIT, 1993, p.194).

O tópico discursivo apresenta uma organicidade, ou seja, há níveis de estruturação dos tópicos que permitem dividir os assuntos tratados desde mais abrangentes até mais específicos. Acerca dessa divisão, Fávero (1993) denomina como supertópico (ST) e tópico (T) os constituintes mais amplos, e subtópico (SbT) a porção menor do assunto tratado. A figura a seguir ilustra como é a articulação destes conceitos.

Figura 3 – A noção de verticalidade do tópico discursivo



Fonte: Fávero (1993, p. 47).

Galembeck (2014a) revela haver dois princípios fundamentais que perpassam os tópicos discursivos: o princípio fundamentador e o princípio organizador. O primeiro, segundo o autor, é o referente, ou seja, a ideia, o assunto, o alvo de que se fala, o que é basilar na elaboração da fala. O segundo princípio, por sua vez, diz respeito ao desenvolvimento dos referentes.

Keenan e Schieffelin (1976 *apud* Galembeck, 2014a) definem a continuidade tópica de duas formas: colaborativa e incorporativa. A colaborativa se dá quando se retoma o assunto

em um outro enunciado, já a incorporativa não precisa de uma retomada formal, mas em pressupostos ou inferências.

1.5 A fala e suas características

Os primeiros registros de estudos acerca da língua falada são do final do século XIX, início do século XX (Chafe, 1994). O autor relata que inicialmente linguistas solicitavam aos falantes que proferissem falas de maneira não natural (devagar), pois o pesquisador precisava escrever o que estava sendo dito. Com o passar dos anos, outros mecanismos de captação da fala foram aparecendo. Cilindros de cera foram os primeiros maquinários que gravavam a fala, porém a qualidade era muito baixa e de difícil manipulação. Posteriormente apareceram os discos fonográficos, melhorando a qualidade da gravação, porém ainda com dificuldades em retomadas constantes dos segmentos, impossibilitando um estudo mais detalhado.

Chafe (1994) assevera que somente na década de 1950 a disponibilização do gravador foi difundida, proporcionando, assim, melhor qualidade nos estudos da língua falada. Essa nova tecnologia possibilitou que estudiosos explorassem a língua falada tal como ela realmente é.

No que diz respeito às características da fala, algumas delas já foram apontadas anteriormente, tais como ser dependente do som, ser produzida ao mesmo tempo que idealizada, ser passageira e limitada ao espaço pequeno no qual ela é produzida, ser rica no uso de dêiticos, elementos prosódicos, entonação, ser natural dos seres humanos etc. Porém existem outras particularidades próprias da língua falada.

Koch (2006a) atribui à fala a característica de dialogicidade, que diz respeito à alternância de turno em uma interação face a face. Em outras palavras, quanto maior for a alternância de turno entre os falantes, maior será a dialogicidade, e o contrário, caso alguém tome maior parte do turno de fala, o grau de dialogicidade do texto será menor.

No texto falado, por estarem os interlocutores co-presentes, ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de coautoria, refletido, na materialidade linguística, por marcas da produção verbal conjunta (KOCH, 2006a, p. 40).

Além da dialogicidade, a autora elenca outras cinco características próprias da fala apresentadas no quadro a seguir:

QUADRO 2 – Características do texto falado

a) Relativamente não-planejado	Por ser um texto altamente interacional, ele precisa ser planejado e replanejado a todo momento.
b) <i>In status nascendi</i>	O texto falado apresenta sua elaboração e verbalização simultaneamente.
c) Apresenta descontinuidades frequentes	As descontinuidades são frequentes por uma série de fatores cognitivo-interacionais.
d) Sintaxe própria	Apesar de apresentar uma sintaxe própria, o plano de fundo ainda é a sintaxe geral da língua.
e) Processo dinâmico	Ao contrário da escrita, que é estática, o texto falado é dinâmico.

(KOCH, 2006a, p. 45-46. Elaboração própria)

Seguindo ainda as características da fala, Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) trazem à luz o conceito de turno conversacional. Para os autores, o sistema de troca de turno é utilizado para ordenar conversas, entrevistas, reuniões etc. Marcuschi (1986) apresenta as propriedades mais comuns da organização do turno.

QUADRO 3 – Possíveis características do turno conversacional

a	A troca de falantes recorre ou pelo menos ocorre;
b	Em qualquer turno, fala um de cada vez;
c	Ocorrências com mais de um falante por vez são comuns, mas breves;
d	Transições de um turno a outro sem intervalo e sem sobreposição são comuns, longas pausas e sobreposições extensas são a minoria;
e	A ordem dos turnos não é fixa, mas variável;
f	O tamanho do turno não é fixo, mas variável;
g	A extensão da conversação não é fixa nem previamente especificada;
h	O que cada falante dirá não é fixo nem previamente especificado;
i	A distribuição dos turnos não é fixa;
j	O número de participantes é variável;
k	A fala pode ser contínua ou descontínua;
l	São usadas técnicas de atribuição de turnos;
m	São empregadas diversas unidades construidoras de turno: lexema, Sintagma, sentenças etc.;
n	Certos mecanismos de reparação resolvem falhas ou violações tomadas.

(MARCUSCHI, 1986, p.18. Elaboração própria)

Marcuschi (1986) menciona que essas características são o que se espera, porém não obrigatórias. Nas entrevistas propostas na análise deste trabalho, é possível observar a grande maioria desses elementos. A troca de turno é frequente; cada indivíduo fala por vez e, se há sobreposição de vozes, esta se dá de maneira breve; o tamanho, a distribuição e a ordem dos turnos são variáveis. Em contrapartida, alguns outros elementos se desenvolvem de maneira distinta, como é o caso do item “h”, pois há uma roteirização previamente estipulada pela produção de cada programa no que concerne aos tópicos a serem discutidos, o tempo de cada entrevista também pressupõe um limite máximo, afinal, por ser televisionado, há outros programas com horários determinados na grade de cada emissora.

Galembeck (2014b) explica que a troca de turno se dá por meio de duas estratégias: passagem de turno e assalto de turno. A passagem de tudo é quando o detentor do turno de fala termina o seu tópico e passa a fala para o interlocutor e, segundo o autor, é difícil determinação por não ser autoevidente. Por outro lado, o assalto de turno ocorre quando o ouvinte invade a fala do outro sem solicitação prévia (GALEMBECK, 2014b, p.96).

O assalto de turno será explorado na sessão a seguir, bem como alguns outros fenômenos propostos para análise na presente dissertação, como os fenômenos intrínsecos à fala (hesitação e interrupção) e as estratégias de construção do texto falado (repetição, correção, parentetização e tematização/rematização).

1.5.1 Disputa por turnos

Uma das características que se espera nas entrevistas analisadas na presente dissertação é a disputa por turnos, ou seja, mais de uma pessoa falando ao mesmo tempo em busca do turno de fala. Pretti e Urbano (1990, *apud* Goulart, 2019) chamam esse fenômeno de *assalto de turno* e o caracterizam como uma ocorrência típica da língua falada espontânea por não haver um acordo preestabelecido, mas sim uma simultaneidade na negociação de quem retém o turno de fala. Goulart (2019) assevera não haver um *semáforo* que sinaliza o turno de cada um dos participantes da interação conversacional. Por serem espontâneas, as alternâncias de turnos nem sempre ocorrem de maneira natural.

Por haver uma semirroteirização em entrevistas por parte do entrevistador, os assaltos de turnos se dariam mais em momentos em que o entrevistador busca obter informações a

mais de acordo com o que o entrevistado responde em cada pergunta. Há a hipótese também de que ocorra esse fenômeno quando o entrevistado busca adivinhar a pergunta antecipadamente.

A disputa por turnos representa, segundo Tannen (1994, *apud* Goulart, 2019, p. 55), um interesse na interação por parte dos participantes. Poucos assaltos de turnos demonstram, segundo a autora, pouco interesse de um dos envolvidos, ao passo que roubos frequentes de turno demonstram haver um grande interesse de buscar informações novas, extrair qualquer fato ou material relevante. Esse alto interesse é um pressuposto em um quadro de entrevistas, afinal o entrevistador busca sempre extrair o máximo de informações do entrevistado.

Galembeck (2014b) assevera que o assalto de turno pode ser entendido como uma violação dos princípios básicos da conversão, porém o autor entende que nada mais é do que um desejo de o ouvinte participar da fala. Para ele, o assalto de turno apresenta duas possibilidades de ser efetivado.

A primeira possibilidade de assalto de turno, segundo Galembeck (2014b), é quando o falante permite que seu turno seja assaltado. Normalmente isso ocorre no momento de alguma hesitação na fala. Na segunda, o falante não dá uma “deixa”, e há uma entrada brusca e inesperada no turno do interlocutor.

Outras funções pertinentes ao assalto de turno elencadas por Galembeck (2014b) são a de objeção e a de antecipação. A objeção se caracteriza quando o assaltante se apodera do turno para manifestar um ponto de vista contrário ao que foi dito. A antecipação ocorre no desejo de o ouvinte antecipar o que seria dito pelo interlocutor.

Os assaltos de turno, segundo Goulart (2019), podem ocorrer de duas maneiras: sobreposição de vozes ou sinais de fim de turno. A sobreposição de vozes ocorre quando um ou mais participantes falam ao mesmo tempo, ocorrendo, assim, confronto para saber quem continuará o fluxo de fala, ou seja, o turno. Já os sinais de fim de turno ocorrem quando o interlocutor percebe indícios de que o locutor terminará o seu turno de fala e já começa a se programar e antecipar possíveis comentários acerca do que foi dito. Tais indícios, de acordo com Levinson e Torreira (2016, *apud* Goulart, 2019), são capacidades desenvolvidas pelos falantes ainda nos estágios iniciais de desenvolvimento da linguagem. Esses sinais são entonação descendente, duração da sílaba final estendida, conclusão pragmática. Há também indicações visuais como gestos e postura.

1.5.2 Fenômenos intrínsecos à fala

As características exclusivas dos textos falados são a hesitação e a interrupção. Elas não são tidas como estratégias de construção do texto falado, mas sim como “(...) fenômenos específicos da oralidade, já que se manifestam em todos os gêneros falados (...)” (JUBRAN; KOCH, 2006, p. 47).

1.5.2.1 Hesitação

Marcuschi (2006a) caracteriza a hesitação como um fenômeno de processamento para resolver problemas na fala durante sua produção, já que esta apresenta concomitância entre os processos (processamento e produção). O autor apresenta seis aspectos formais pelos quais a hesitação se materializa na língua: fenômenos prosódicos; expressões hesitativas; itens funcionais; itens lexicais; marcadores discursivos acumulados; fragmentos lexicais.

Os fenômenos prosódicos são divididos em pausas e alongamentos vocálicos. Marcuschi (2006a) aponta que nem todas as pausas são hesitações, pois alguns silêncios interturno são manifestações discursivas que constituem um turno. Para o autor, silêncios intraturno, acompanhados de contextos sintáticos ou junções fonêmicas em que não são previstas pausas, indicam possíveis hesitações. Já o alongamento vocálico aparece, normalmente, no final da palavra, principalmente em monossílabos ou em sílabas finais átonas.

As expressões hesitativas são constituídas “de sons que não realizam palavras lexicalizadas” (MARCUSCHI, 2006a, p. 53). Alguns exemplos de expressões hesitativas são *áh, éh, ahm, mm*, e normalmente preenchendo pausas e vêm alongadas.

Já os itens funcionais são enquadrados por Marcuschi (2006a) como todo elemento linguístico sem significado referencial (artigos, preposições, conjunções, pronomes). O autor lembra que esses itens são comumente utilizados em alongamentos, dado que esses fazem uso de monossílabos como preposições ou artigos. Porém a distinção se dá no fato de esses itens serem os elementos com os quais se hesita.

Os itens lexicais, segundo o autor, são menos frequentes se comparados aos funcionais na constituição de hesitação. Eles aparecem com mais frequência em verbos de uma ou duas sílabas, ou de maneira mais limitada, segundo Marcuschi (2006a), em advérbios, substantivos e adjetivos. Além disso, tal como mencionado no item funcional, os lexicais são os elementos com os quais se hesitam, portanto, distinguem-se dos outros fenômenos de hesitação.

Os marcadores discursivos acumulados, para Marcuschi (2006a), apresentam certa dificuldade na sua identificação, por se confundirem com outros fenômenos hesitativos. O que forma um marcador discursivo acumulado é o conjunto de marcas prosódicas típicas que se acumulam num certo momento.

Por último, os fragmentos lexicais também constituem um aspecto formal que sinaliza a hesitação e são marcados, segundo o autor e, como o próprio nome diz, por um fragmento do início de alguma palavra, geralmente se a palavra tiver mais de duas sílabas.

Além dos aspectos formais que marcam as hesitações, há também os tipos de hesitação. Marcuschi (2006a) classifica-as como pausas não preenchidas, que são silêncios prolongados; pausas preenchidas por expressões hesitativas como *éh, hm, ah*; repetições hesitativas que são, geralmente, de itens formais, porém sem significação semântica; falsos inícios marcados por inícios de unidades sintáticas oracionais com algum defeito. O autor menciona também que esses quatro aspectos não são exclusivos, pode haver outros, portanto não há uma classificação formal, contudo tais elementos servem para categorizar a maioria dos fenômenos de hesitação.

Por último, Marcuschi (2006a) afirma que a hesitação não compromete a gramaticalidade dos enunciados pelo fato de não apresentar papel sintático algum. A hesitação é uma atividade de processamento da fala. Seu papel é de orientar/reorientar a seleção sintagmática ou, ainda, buscar itens lexicais. A hesitação é um descontinuador da materialidade textual, porém não do discurso.

1.5.2.2 Interrupção

Silva e Crescitelli (2006) conceituam a interrupção a partir das definições de diferentes linguistas, como buracos ou vazios intrínsecos da oralidade e que pode ser vista sob duas perspectivas. A primeira delas é chamada pelas autoras de autointerrupção e consiste no

locutor (falante) fazer uma pausa no seu próprio dizer. Por outro lado, elas mencionam também outro tipo, a heterointerrupção, constituída por interrupções advindas do interlocutor (ouvinte) para que este tome o turno de fala.

A materialização da interrupção é, essencialmente, evidenciada no nível sintático da materialidade linguística. Nele, a norma tende a rotular a interrupção como erro pela falta de constituintes. Silva e Crescitelli (2006) relatam que a interrupção se dá, inicialmente, pelo corte, que pode ser sintático (ausência de predicado ou de complemento verbal) ou lexical (corte no interior da palavra).

Além do corte, a interrupção é marcada se houver a retomada, pois tanto a interrupção quanto a retomada constituem a “caraterização adequada da interrupção como elemento constante e sistemático da língua falada” (SILVA; CRESCITELLI, 2006, p. 76). A retomada consiste em continuar um segmento suspenso por um ou outro falante.

A retomada apresenta dois níveis:

- a) Sintático e lexical – o falante repete a mesma estrutura sintática ou lexical (mesma palavra) que havia sido suspensa.
- b) Semântico – chamada também de retomada de maneira modificada, o falante recorre a uma palavra/expressão diferente da que foi cortada.

Além dos níveis, Silva e Crescitelli (2006) expõem que a retomada pode ocorrer intra ou interturnos. Uma retomada intraturno é aquela que ocorre no interior do turno de fala do falante, ao passo que a retomada interturno é observada quando os interlocutores disputam a ocupação do espaço discursivo.

Para as autoras,

As tentativas de interrupção e a resistência em manter os turnos costumam os enunciados, evitando a ruptura do tecido dialógico e garantindo a progressão temática. Tais procedimentos explicitam o esforço dos interlocutores em colocar e/ou manter em circulação, na interação, o seu ponto de vista (SILVA; CRESCITELLI, 2006, p.80).

Em síntese, as autoras acrescentam que o fenômeno de interrupção talvez cause um certo estranhamento ao transcrever a língua falada espontânea. Entretanto, estar envolvido na situação de comunicação ou ouvir uma gravação faz que tal fato não ocorra, pois esses

elementos são estratégias de construção do texto falado, não imperfeições. Os enunciados interrompidos são características da própria fala, por ser realizada simultaneamente (planejamento e materialização).

1.5.3 A construção do texto falado

A construção do texto falado, segundo Jubran (2006a), pode desenrolar-se de maneira contínua, assemelhando-se à língua escrita. No entanto, é comum, segundo a autora, apresentar discontinuidades, gerando uma desaceleração na progressão temática. As discontinuidades “(...) subvertem a organização canônica dos constituintes da frase, porém se justificam no âmbito interacional, porque decorrem de necessários reajustes da formulação textual em processo, tendo em vista a eficácia comunicativa.” (JUBRAN, 2006a, p. 33)

Além da hesitação e da interrupção, vistas como fenômenos da fala, Jubran (2006a) elenca outras seis estratégias relacionadas às atividades de formulação: repetição, correção, parafraseamento, parentetização, tematização/rematização e referenciação. Tendo em vista o *corpus* de análise da presente dissertação ser composto por duas entrevistas de *talk-shows*, optou-se por levar em consideração as estratégias de repetição, correção, parentetização e tematização/rematização por se manifestarem com maior frequência.

1.5.3.1 Repetição

Marcuschi (2006b) define a repetição como a produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes mais de uma vez, levando em consideração o mesmo evento comunicativo. O autor define a primeira entrada do segmento repetido como matriz (M) e o segmento semelhante ou idêntico como repetição (R).

O autor distribui as repetições em dois segmentos: autorrepetição – M e R são produzidas pela mesma pessoa; heterorrepetição – estabelece uma relação de M e R entre participantes do ato conversacional. Ademais, as repetições podem ser vistas de acordo com as categorias gramaticais: a) repetições fonológicas; b) repetições de morfemas; c) repetições de itens lexicais; d) repetições de construções subordinadas; e) repetições de construções oracionais.

Outro ponto importante acerca das repetições é, de acordo com Marcuschi (2006b), o aspecto funcional de R que se subdivide em cinco perspectivas. A primeira perspectiva enquadra-se no plano da coesividade, subdividindo-se em listagem, amálgamas sintáticas e enquadramento sintático discursivo. A segunda perspectiva é a da compreensão, cujas subfunções são intensificação, transformação de rema em tema e esclarecimento. Em seguida, o autor apresenta a perspectiva da continuidade tópica, em que R pode servir para introdução de tópico, reintrodução de tópico, delimitação de tópico e condução e delimitação de tópico. Há também a perspectiva da argumentatividade, a qual se pode enquadrar na reafirmação de argumento, contraste de argumento ou contestação de argumento. Por fim, na perspectiva da interatividade, ocorre a expressão da opinião pessoal.

1.5.3.2 Correção³

A correção ocorre quando se vai “produzir um enunciado linguístico (enunciado-reformulador – ER) que reformula um anterior (enunciado-fonte – EF), considerado ‘errado’ aos olhos de um dos interlocutores.” (FÁVERO *et al.*, 2006, p. 258). As autoras salientam que essa estratégia lembra a paráfrase e a refrasagem, porém elas destacam também que a paráfrase ocorre quando há uma equivalência semântica, ao passo que a refrasagem ocorre quando há uma equivalência de sinonímia denotativa e corrigir é uma relação de contraste.

Os tipos de correção são delimitados por Fávero *et al.* (2006) como infirmação e retificação. Infirmar é anular, revogar e/ou invalidar o que foi dito no EF, enquanto retificar é seguir a mesma direção do EF, em outras palavras, não há uma anulação do que foi dito. Em outras palavras, infirmar é quando o falante sabe qual foi o erro proferido e o corrige após, enquanto que retificar o falante também sabe que houve algum problema na criação do seu texto falado, porém apresenta algumas dúvidas quanto a informação verdadeira.

As autoras consideram que a iniciativa da correção e o processamento podem partir de três modos: autocorreção autoiniciada, entendida como o próprio falante processa a correção (no mesmo turno ou em turnos diferentes); autocorreção heteroiniciada, quando o interlocutor inicia uma informação que revoga o que foi dito pelo locutor, porém é o próprio falante quem se corrige; e heterocorreção autoiniciada, quando “(...) o falante inicia a correção que é

³ As palavras *autoiniciada*, *autocorreção*, *heteroiniciada* e *heterocorreção* estão grafadas conforme o acordo ortográfico de 2016.

efetivada pelo interlocutor, de modo que essa correção pode ser confirmada no terceiro turno (...)” (FÁVERO *et al.*, 2006, p. 266).

1.5.3.3 Parentetização

A parentetização faz parte das estratégias de que o falante dispõe para construir o seu texto falado. De acordo com Jubran (1999), os segmentos parentéticos servem para explicitar avaliações que os interlocutores fazem da situação interacional na qual se encontram inseridos. O estudo dessa estratégia leva em consideração o conceito de tópico discursivo, entendido como aquilo de que se fala (GALEMBECK, 2014a). Outro princípio que norteia a parentetização, de acordo com Jubran (2006b), é a centração do tópico discursivo, que é um critério que visa analisar as inserções tópicas dentro de um mesmo segmento. A autora divide a centração em duas modalidades de inserção tópica:

- a) Instaura um novo segmento tópico, provocando a divisão do segmento em partes não-contíguas do texto. Apresenta estatuto tópico;
- b) Instaura uma breve suspensão do tópico, provocando uma retomada do tópico suspenso logo em seguida da sua inserção. Não apresenta estatuto tópico.

Jubran (2006b) menciona que a parentetização ocorre no segmento “b” da centração tópica, pois há um breve desvio de um tópico discursivo. Com isso, não há uma quebra dentro do segmento tópico no qual ocorre.

Jubran (2006b) afirma que

(...) os parênteses têm um papel importante no estabelecimento da significação, de base informacional, sobre a qual se funda a centração do segmento-contexto. Isso porque, no intervalo da suspensão tópica, eles promovem avaliações e comentários laterais sobre o que está sendo dito, e/ou sobre como se diz, e/ou sobre a situação interativa e o evento comunicativo. Por esse motivo, as inserções parentéticas não podem ser consideradas como desvios descartáveis do texto, porque a contextualização interacional do que está sendo falado orienta a própria compreensão da fala (JUBRAN, 2006b, p. 305).

A proposta de análise da presente dissertação são as marcas formais de inserção parentética. Jubran (2006b) divide as marcas como estando ou no segmento parentético ou no segmento-contexto. No segmento parentético, as marcas aparecem pela ausência de conectores do tipo lógico ou fatos prosódicos como pausas e/ou alteração na pronúncia dos parênteses (aumento da velocidade ou rebaixamento da tessitura). Já no segmento-contexto, elas aparecem nos limites inicial e final dos parênteses, sinalizando a saída e a retomada do tópico. As marcas de interrupção de tópico, segundo a autora, ocorrem via pausas não preenchidas e suspensão de segmentos em processamento. Por outro lado, a reintrodução do tópico interrompido ocorre via pausas não preenchidas, continuidade sintática da frase interrompida antes do parêntese, uso de pronomes ou de conectivos que atam a oração pré e pós parêntese, repetição de itens lexicais que se encontram próximos ao início da inserção parentética, parafraseamento de trechos precedentes do parêntese e realização do segundo elemento de um par adjacente rompido.

1.5.3.4 Tematização e rematização

A estratégia de tematização e rematização faz parte do leque de opções de que o falante faz uso para construção do seu texto. Utilizar-se-á o conceito de tema-rema de acordo com a Escola Funcionalista de Praga que, segundo Koch (2006b), postula haver uma divisão dos enunciados em duas partes: Tema e Rema. Tema seria o segmento comunicativo dinâmico, enquanto o rema é o núcleo ou comentário.

No que concerne à sequenciação da estratégia tema-rema, Koch (2006b) afirma haver dois grandes polos: sequências tema-rema; sequências rema-tema. A primeira sequenciação, para a autora, se faz quando o locutor tem o objetivo de destacar um elemento do enunciado, ou seja, o objetivo é deixar marcado para o interlocutor o assunto do qual irá se tratar. Por outro lado, a sequenciação rema-tema, segundo Koch (2006b), ocorre com maior frequência em textos falados, particularmente em situações menos formais, por haver maior envolvimento dos falantes com o assunto tratado. Os procedimentos linguísticos para marca de rematização são, segundo a autora, os deslocamentos à esquerda acompanhado de marcas prosódicas ou orações cindidas marcadas por expressões ou construções gramaticais via orações adjetivas.

Acerca das entrevistas analisadas na presente dissertação, optou-se por focar na sequência tema-rema, por se esperar um menor grau de envolvimento dos falantes e, por conseguinte, maior formalidade na fala.

Além disso, o foco na sequenciação tema-rema também se deve ao fato que, segundo Koch (2006b), estas construções ativam um elemento no qual o falante deseja marcar como tópico, ou seja, o tema. A autora revela que a marcação do tema faz com que o falante ative na memória do seu interlocutor o tópico para que, com isso, possa-se lançar luz a novas informações, ou seja, algo desconhecido, dando continuidade ao processo interativo.

As sequências de tematização-rematização, de acordo com Koch (2006b), apresentam os casos de construções com tematização marcada (normalmente introduzidas por expressões como *quanto a; no tocante a; no que diz respeito a*); construções com tema marcado antepondo o elemento com função sintática bem definida e retomadas por meio de recursos como pronomes, sintagmas; construções com tema marcado, porém sem retomadas pronominais; construções com temas livres; construções com deslocamento de um elemento do enunciado; construções que se justapõem, sem qualquer ligação sintática.

Após o percurso da fundamentação teórica, apresenta-se, a seguir, o capítulo metodológico, que tem como objetivo descrever e justificar a natureza, a epistemologia e a ontologia da presente pesquisa. Apresenta-se também a metodologia adotada para a análise proposta. Por fim, cabe mencionar a natureza dos dados, sua segmentação, formatação e coleta, bem como os instrumentos de análise.

2 Procedimentos metodológicos

2.1 Natureza, ontologia e epistemologia da pesquisa

A natureza da presente investigação é qualitativa e quantitativa, afinal, a proposta é de analisar e quantificar as estratégias de construção do texto falado de duas entrevistas televisionadas. Além disso, como a pesquisa tem sua base na descrição linguística, faz-se importante mensurar estatisticamente os dados, a fim de verificar se os fenômenos estudados são significativos ou não.

A pesquisa qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (2006), é aquela em que o pesquisador coleta os dados (entrevistas, textos produzidos, gravações, artefatos etc.), para que assim os analise por meio de práticas interpretativistas, esperando, com isso, compreender o fenômeno em questão. Os autores comparam os pesquisadores que adotam esse tipo de estudo como um *bricoleur*, ou seja, aquele que efetua trabalhos manuais. Tal comparação é feita, já que cabe ao investigador conhecer os seus dados e, com isso, selecionar as ferramentas disponíveis (uma ou mais) a fim de fazer a análise, respeitando as limitações da pesquisa, os questionamentos feitos e o contexto de análise.

Creswell (2007) também tece alguns comentários acerca de uma pesquisa qualitativa. Para o autor, é preciso ter uma suposição, uma visão de mundo para que se possa fazer uso de ferramentas disponíveis. Ele também menciona a necessidade de fazer uma análise indutiva e estabelecer padrões ou temas. Cabe também ao pesquisador estender seu estudo para a literatura ou sinalizar a necessidade de uma ação.

Por sua vez, Bortoni-Ricardo (2008) diferencia pesquisas qualitativas e quantitativas. Segundo a autora, pesquisas quantitativas relacionam variáveis independentes com um fenômeno consequente (definido como variável dependente). As qualitativas, por sua vez, enquadram-se em tipos de estudos que buscam compreender e interpretar fenômenos sociais em seu contexto.

Atribui-se à presente pesquisa um caráter descritivo, ou seja, buscar-se-á, nos dados propostos, investigar os fenômenos e as estratégias da língua falada, bem como os mecanismos de assalto de turno utilizados por entrevistadores e por entrevistados em programas do gênero *talk-show*. Além disso, baseando-se na literatura correspondente, espera-

se enquadrar os assaltos de turno e suas motivações, os fenômenos da fala e as construções do texto falado.

Pesquisas descritivas, de acordo com Gil (2012), são aquelas cuja finalidade é “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre variáveis”. Ainda segundo o autor, as pesquisas descritivas vão além de determinar as relações entre as variáveis, elas também buscam determinar a natureza dessa relação.

Sobre a ontologia, que se entende como sendo a natureza do fenômeno social investigado (MOREIRA; CALEFFE, 2008), a presente dissertação apresenta um caráter de avaliar a realidade externa ao indivíduo. Para Burrell e Morgan (1979), questões ontológicas apresentam duas possibilidades:

(...) quer a “realidade” a ser investigada é externa ao indivíduo – impondo-se à consciência individual de fora – ou o produto da consciência individual; quer a “realidade” é de natureza “objetiva” ou o produto da cognição individual; se “realidade” é um dado “lá fora” no mundo, ou o produto da mente (BURRELL; MORGAN, 1979, p.1, tradução própria)⁴.

Em consonância, Lincoln e Guba (2006) consideram que investigações acerca da realidade sem a modificação do pesquisador têm sua ontologia no realismo crítico. Com isso, sabendo que os dados criados são de entrevistas vinculadas aos programas televisivos e que não houve nenhuma intervenção do pesquisador, cabendo a este somente a descrição e a investigação dos fenômenos da fala, pode-se dizer que a presente pesquisa se enquadra na ontologia que analisa a realidade externa.

A questão ontológica norteia a epistemologia da pesquisa, pois Moreira e Caleffe (2008) dizem que, dependendo da ontologia adotada, a epistemologia já é delimitada. Em outras palavras, não se podem postular relações divergentes. Isso posto, Burrell e Morgan (1979) entendem que as questões epistemológicas assumem posições extremas. Para os autores, é necessário saber “[...] se o conhecimento é algo que pode ser adquirido, por um

4 “(...) whether the 'reality' to be investigated is external to the individual - imposing itself on individual consciousness from without - or the product of individual consciousness; whether 'reality' is of an 'objective' nature, or the product of individual cognition; whether 'reality' is a given 'out there' in the world, or the product of one's mind.”

lado, ou se é algo que deve ser experimentado pessoalmente, por outro” (BURREL; MORGAN, 1979, p. 2. tradução própria)⁵.

Nesse cenário, assume-se uma epistemologia interpretativista. Essa postura, para Schwandt (2006), é entendida como um estudo de responsabilidade do intérprete compreender as ações humanas, deixando de lado suas referências históricas/ideológicas. Tal perspectiva enquadra-se na proposta da presente análise, ou seja, cabe ao pesquisador compreender os fenômenos da fala nas duas entrevistas e interpretá-los, suspendendo suas crenças.

Portanto, o paradigma apresentado por Lincoln e Guba (2006) que guia a presente pesquisa, levando em consideração o caráter descritivo, ontologia real crítica e epistemologia interpretativista, é o pós-positivista. Estudos pós-positivistas admitem o acréscimo de métodos quantitativos, já que a intenção desta pesquisa é também quantificar os dados analisados para que se observe alguma tendência e, assim, buscar padrões.

2.2 Dados

Estudar a língua falada requer alguns cuidados, afinal essa modalidade de língua apresenta várias nuances. Bortoni-Ricardo (2005) define a fala dentro de um *continuum* entre fala e escrita, como podendo aproximar-se do eixo fala ou, dentro de outros contextos, aproximar-se do eixo escrita. Isso se dá, segundo a autora, pelo fato de que, a depender da intenção comunicativa, o locutor disporá de recursos para elaboração da sua fala. Em outras palavras, em palestras, por exemplo, há uma preparação antecipada do que será dito, há casos em que o palestrante lê um texto previamente escrito; porém, em uma conversa informal entre amigos, não haverá essa escrita prévia do que será falado.

Em consonância, Koch (2006a) declara que o texto falado apresenta suas próprias características. Uma das principais, segundo a autora, é a dialogicidade, que significa a dinâmica de alternância de turnos entre os interlocutores. Em textos escritos existe certo grau de dialogicidade, mas a autora defende que a interação é muito restrita, ficando apenas por parte do escritor produzir o texto e o leitor, ao lê-lo, dialogar com o que está escrito. Em outras palavras, não existem marcas de atividade verbal conjunta. Já em textos orais, as marcas de coprodução são frequentes:

5 “whether knowledge is something which can be acquired on the one hand, or is something which has to be personally experienced on the other.”

No texto falado, por estarem os interlocutores copresentes, ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de coautoria, refletido, na materialidade linguística, por marcas da produção verbal conjunta (KOCH, 2006a, p. 40).

Os dados utilizados foram escolhidos dada a importância midiática de cada canal nos quais as entrevistas estão vinculadas. Segundo o instituto Médiamétrie, órgão responsável por calcular os pontos de audiência na televisão francesa, o canal “France 2” está em segundo lugar na preferência dos franceses com 13,4% da audiência total⁶. No Brasil, Bolaño e Melo (2015) afirmam que a TV GLOBO, com mais de 50 anos de história, é a emissora com maior audiência e faturamento no Brasil.

A transcrição e a segmentação das entrevistas foram feitas de acordo com os pressupostos adotados pelo projeto NURC (PRETI, 1993, p. 11-12), com algumas adaptações. Essas orientações são observadas no quadro 4.

QUADRO 4 – Códigos para transcrição

CÓDIGO	UTILIZAÇÃO
#	Incompreensão de palavras ou segmentos
(hipótese)	Hipótese do que se ouviu
/	Truncamento
MAIÚSCULAS	Entonação enfática
::	Prolongamento de consoante ou vogal
-	Sílabação
?	Interrogação
.	Entonação descendente (indicando final de frase)
,	Entonação ascendente ou estável (indicando continuação)
..	Pausa com retomada instantânea do fluxo da fala
... ..	Pausa (quanto maior o número de pontos, mais longa a pausa)
“citações”	Citações literais
<i>Itálico</i>	Pronúncia muito rápida das palavras

Fonte: PRETI, 1993, p. 11-12.

A segmentação das falas norteia-se pelas unidades de entonação proposta por Chafe (1985). Nelas, o autor postula que, em uma situação de fala espontânea, as informações são

6 Relatório referente ao mês de outubro de 2019, disponível em: “<https://www.mediametrie.fr/fr/laudience-de-la-television-au-mois-doctobre-2019>” (acesso em 12/11/2019).

focalizadas em breves jorros, ou seja, não seguem um fluxo contínuo. Além disso, Chafe salienta três propriedades pertencentes às unidades de entonação: a) entonação simples com um final perceptível; b) breve pausa entre as unidades de fala; c) a ordem sintática tende a corresponder a orações simples. O autor considera que o processo de fala é cognitivo, portanto não se torna obrigatória a presença desses três critérios, do contrário, a fala ficaria mecanizada e perderia a sua espontaneidade.

As correções das transcrições ficaram a cargo de duas pessoas, uma para a entrevista em língua francesa e a outra na entrevista em língua portuguesa. No caso da entrevista em francês, a transcrição foi feita pelo autor deste trabalho, e a correção foi feita por Talita Rossi, que é formada em *Littérature Française Moderne et Français Langue Étrangère* pela Université de Genève (UNIGE). Já no caso da entrevista em língua portuguesa, sua transcrição e correção ficaram sob responsabilidade do autor deste trabalho.

Após as discussões acerca do quadro paradigmático em que se enquadra a presente pesquisa e a elaboração dos dados, passa-se à análise dos dados, tendo em vista as estratégias levantadas para construção do texto falado nas entrevistas. Analisam-se quantitativa e qualitativamente as ocorrências de cada estratégia proposta (disputa por turnos, hesitação, interrupção, repetição, correção, parentetização e tematização/rematização).

3 Análise dos dados

Este capítulo se dedica à análise dos dados extraídos das entrevistas, tanto em língua portuguesa como em língua francesa. Parte-se do pressuposto, de acordo com a teoria apresentada, de haver uma unicidade no uso das estratégias de composição da fala nos dois idiomas.

A análise está dividida em seções. A primeira é a disputa por turnos, em que se busca verificar qual(is) o(s) objetivo(s) dos participantes da interação: se é obter informações ou antecipar um questionamento, e, também, se o assalto ocorre com sobreposição de vozes ou indícios de fim de turno. A segunda seção diz respeito às hesitações, aos seus aspectos formais e à sua tipologia. Em seguida, analisam-se as interrupções, observando-se sua origem (auto ou heterointerrupção), seu nível de ocorrência (sintático ou lexical) e em qual turno se realiza a retomada. A próxima seção é dedicada à estratégia de repetição, se ela é feita pelo próprio locutor ou via interlocutor e em qual categoria ocorre a repetição. A quinta seção é referente à correção e investigam-se o tipo de correção (infirmiação ou retificação) e a sua gênese. A penúltima seção examina a estratégia de parentetização, na qual se buscam segmentos que instauram o desvio tópico. Por fim, analisam-se a tematização e a rematização.

3.1 Disputa por turnos

A disputa por turnos apareceu de maneira recorrente nas duas entrevistas. A tabela a seguir ilustra as quantidades.

TABELA 1 – Quantidade de Ocorrências de Assalto de Turno

	Entrevistador	Entrevistado	Outros	TOTAL
Entrevista Francês	11	4	4	19
Entrevista Português	23	10	-	33
TOTAL				52

Fonte: O pesquisador.

Observa-se, na tabela 1, que a maior parte das ocorrências de assalto de turno partiu do entrevistador, ou seja, 57% dos assaltos partiram do apresentador Laurent Ruquier na

entrevista em francês e 69% dos assaltos de turno na entrevista em português foram feitas pelo apresentador Jô Soares. Por outro lado, a entrevista em português apresentou os outros 31% de ocorrências de assalto de turno feitas pela entrevistada Fernanda Takai, ao passo que, na entrevista em francês, os 43% restantes ficaram divididos equitativamente entre o entrevistado Rilès (21,5%) e outros (21,5%). A seguir, analisar-se-ão as motivações para ocorrer o assalto de turno.

A explicação da participação de outros na entrevista em francês deu-se pelo fato de haver outros convidados atuantes na conversa, ao passo que, na entrevista em português, houve momentos de acréscimos de outros participantes (plateia), porém sem que ela roubasse o turno seja do entrevistador, seja do entrevistado. Portanto, ser um convidado leva o falante a se sentir à vontade para chamar a atenção para si, assaltando o turno do outro, enquanto o telespectador só falou quando solicitado.

(1)⁷ Rilès: OUAIS, non, tout sing/

[
Laurent : et commencer à::: faire une tournée sans album.

Rilès : OUAIS,

..zéro:: zéro:: album,

..que des single.

(2) Fernanda: A CRÍtica também foi quase uNÂnime assim com o disco ent/

[
JÔ: AGORA E AQUI é o ÚLtimo,

..do Pato Fu?

Fernanda: O mais recente.

Em (1) e (2), observa-se o assalto de turno por parte dos entrevistadores (Laurent e Jô). O apresentador Jô aumenta seu tom de voz para assaltar o turno, enquanto Laurent simplesmente usa o mesmo tom de voz. Outro ponto que merece destaque é que, em ambos os casos, houve uma interrupção do fluxo de fala dos entrevistados⁸.

7 Rilès: não, tudo sing/

Laurent: e começar a::: fazer uma turnê sem álbum.

Rilès: Sim,

..nenhum:: nenhum:: álbum,

..apenas *singles*. (tradução própria)

8 Assunto será mais explorado na seção de análise da Interrupção.

No que concerne às motivações, nos fragmentos (1) e (2) há uma busca de informações. Na entrevista em francês, Laurent faz uma afirmação buscando a confirmação por parte de Rilès “e começou a fazer uma *turnê* sem álbum” (tradução própria), em seguida, o entrevistado confirma “sim, zero álbum, tudo *singles*” (tradução própria). Seguindo esse mesmo viés, na entrevista em português, Jô faz um questionamento buscando saber se o álbum que ele possuía em mãos era o último da banda, na resposta de Fernanda, ela o corrige dizendo ser o mais recente.

(3)⁹ Gaël : Et après à relier parce qu'il y a des textes TRES rétrospectifs/

[
Laurent : ALORS LA/ évidemment faut
 comprendre l'anglais... La pour le coup pour moi/

[
Gaël : je me suis repassé douze fois la chanson
 les chansons pour essayer de comprendre mais j'ai vu que c'était très introspectif,
 ..très intime.

(4) JÔ: Da homenagem a/

[
Fernanda: Da/ da Nara?
JÔ: Da Nara/ E TEM um livro aqui também.

Nos exemplos (3) e (4), há novamente assaltos de turno em que estratégias de aumento do tom de voz são observadas novamente; porém cabe destaque às motivações em que esses assaltos foram concretizados. No trecho (3), uma participante da interação conversacional comenta que os textos das músicas de Rilès são muito retrospectivos. Antecipando uma possível motivação, Laurent assalta o turno dizendo que é preciso ter um entendimento muito bom do inglês (um dos idiomas cantados pelo *rapper*); em seguida, ocorre um novo assalto de turno por parte de Gaël, afirmando que passou doze vezes as músicas e que se tratava de textos muito introspectivos, muito íntimos. O exemplo (4) apresenta algo similar, há um assalto de turno por parte da Fernanda antecipando a artista o que Jô falaria no seu turno de fala, confirmando-se no turno seguinte. Esses exemplos mostram o desejo dos participantes

9 Gaël: E após ligar porque há textos muito retrospectivos/

Laurent: Espera aí, evidentemente é preciso compreender inglês... Neste caso aqui para mim/

Gaël: Eu repassei doze vezes a canção as canções para tentar compreender mas eu vi que era muito introspectivo, ..muito íntimo. (tradução própria)

em participar do turno de fala, nem que para isso seja necessário assaltar o turno daquele que o detém.

(5)¹⁰ Rilès : Heureux mais j’suis heureux de l’avoir fait parce que j’avais besoin aussi de/ ..de dire des choses.

[
Gaël : Ça se sent

(6) JÔ: Ah::: ta certo/

[
Fernanda: E ele nem sabia que eu ouvia a Nara mesmo.

Outra ocorrência que se verificou nas entrevistas é a sobreposição de vozes, mas sem o intuito de antecipar um questionamento ou alguma informação, nem buscar obter informações novas do interlocutor. O que se observa em (5) e (6) são comentários ditos em conjunto com o detentor do turno de fala, mas apenas para fazer parte do jogo interacional, mostrar que se está atento ao que é dito. Em (5), Rilès fala sobre suas músicas e composições, e Gäel sobrepõe a voz dizendo que “isso se sente” (tradução própria). E o mesmo acontece em (6), porém de maneira inversa, Jô diz frases para mostrar que está ouvindo o que se diz e Fernanda continua a fala e passando as informações sobre o álbum.

Por fim, acerca dos assaltos de turno, cabe mencionar as marcas formais para concretização desse fenômeno da fala. Na tabela a seguir, apresentam-se as marcas utilizadas nos assaltos de turno.

TABELA 2 – Marcas Formais de Assalto de Turno

	Aumento da Entonação	Nenhuma Marca	Outros	TOTAL
Entrevista Francês	6	11	2	19
Entrevista Português	15	15	3	33
TOTAL				52

Fonte: O pesquisador.

¹⁰ Rilès: Feliz mas eu sou feliz de tê-lo feito porque eu precisava também de/ ..de dizer coisas.. (tradução própria)

Consideraram-se três fatores para a sistematização das marcas formais nos assaltos de turno. O aumento de entonação ocorre quando o responsável pelo assalto de turno aumenta seu tom de voz buscando a atenção e o turno de fala para si. No quesito nenhuma marca, contemplaram-se os assaltos feitos sem nenhuma marca específica. Em outros, foram consideradas expressões como “*ahn, ah*” e repetições. Na entrevista em francês, 58% dos assaltos de turno foram feitos sem a presença de nenhuma marca formal, 31% com um aumento na entonação vocálica e 10% com outros tipos de marcas. Por outro lado, na entrevista em português, a ausência de uma marca formal e o aumento da entonação ocorreram em 45% cada um e o restante, 10%, apresentaram outras marcas.

(7)¹¹ Rilès: ..et d'un coup j'suis projeté justement/

[
Laurent: ah/

[
Rilès: J'AI RENDEZ-VOUS J'AI RENDEZ-

VOUS avec les PDG le mec il avait des Grammy Awards dans son bureau.

(8) Fernanda: A CRÍtica também foi quase uNÂnime assim com o disco ent/

[
Jô: AGORA E AQUI é o Último,

..do Pato Fu?

Nos exemplos (7) e (8), verifica-se um aumento da entonação das vozes para ocorrência do assalto de turno. Em (7), observa-se uma tentativa do entrevistador Laurent de assaltar o turno do entrevistado, porém, para que isso não ocorra, Rilès aumenta a sua entonação vocal e continua o turno de fala. Já em (8), o assalto de turno acontece pelo interlocutor, Jô, aumentando também sua entonação, acarretando uma interrupção (corte na palavra) na pessoa que possuía o turno de fala, Fernanda. O exemplo (7) mostra que o assalto pode não se concretizar, ou seja, a pessoa cujo turno tentam roubar pode não querer disponibilizá-lo por haver concluído um pensamento ou, simplesmente, por querer continuar no seu turno de fala. O contrário é efetivado no exemplo (8), pois o assaltante obtém êxito.

11 Rilès: ...e de repente eu estou projetando evidentemente/

Laurent: ah/

Rilès: UM ENCONTRO UM ENCONTRO com os CEO's o garoto que tinha uns Prêmios *Grammy* no seu escritório. (tradução própria)

(9)¹² Rilès : Non,

..pas du tout j'ai/

[
Gaël : Et après à relier parce qu'il y a des textes TRES rétrospectifs/

[

Laurent : ALORS LA/ évidemment faut

comprendre l'anglais... La pour le coup pour moi/

[

Gaël : je me suis repassé douze fois la chanson..

(10) Fernanda: É um,

..é um truque de espelhos muu::ito bem feito né:: que::m/

[

JÔ: Você como é que faz como é que é?

Os exemplos (9) e (10) representam assaltos de turno sem nenhuma marca específica, ou seja, são falas que ocorrem sobrepostas. No trecho (9), ocorre uma tentativa de assalto de turno por parte do apresentador Laurent, que faz uso de um aumento da sua entonação em « ALORS LA », porém a detentora do turno de fala, Gaël, continua a proferir suas considerações normalmente. Na amostra (10), há também o assalto de turno por parte do Jô sem que ocorra uma marca específica na sua fala, porém enquadra-se como tal fenômeno por haver um corte na fala da entrevistada Fernanda.

(11)¹³ Rilès: ..Mais j'avais..PEUR d'écrire en français toujours par pudeur/

[

Laurent : Ahn/ en la vie parce qu'il avait peur..

(12) Fernanda : Não é o seguinte faz de conta/

[

JÔ: Deixa eu ver a foto.

Fernanda: Faz/

[

12 Rilès: Não,

...de jeito nenhum eu/

Gaël: E após ligar porque há textos muito retrospectivos/

Laurent: Espera aí, evidentemente é preciso compreender inglês... Neste caso aqui para mim/

Gaël: Eu repassei doze vezes a canção.. (tradução própria)

13 Rilès: Mas eu tinha..MEDO de escrever em francês sempre por conta do pudor/

Laurent: Ahh/ na vida porque ele tinha medo.. (tradução própria)

JÔ: Ah fal/ conta conta.

Por fim, os segmentos (11) e (12) ilustram os assaltos de turno que ocorrem com outros tipos de marcas. Em (11), o apresentador Laurent inicia seu turno sobrepondo sua fala com “Ahn/”, trazendo a atenção para si. E em (12), o turno de fala é da entrevistada, porém Jô assalta seu turno solicitando à produção fotos sobre a cantora, porém, ao perceber que ela não havia concluído suas considerações, Jô assalta novamente solicitando um esclarecimento e, para isso, ele faz uso de repetição: “conta conta”.

Os assaltos de turnos são fenômenos comuns em uma conversa de dois ou mais falantes. Isso se dá pelo fato de haver um desejo de trazer para si o foco de atenção, mas também mostrar comprometimento com a criação do gênero pertinente ao ato comunicativo, que, no caso, é entrevista.

3.2 Hesitação

A estratégia de hesitação apareceu com bastante frequência nas duas entrevistas, afinal se trata de um fenômeno intrínseco à fala. A tabela a seguir quantifica os aspectos formais para caracterização da hesitação em ambas as entrevistas.

TABELA 3 – Aspectos Formais de Hesitação

	Fenômenos Prosódicos	Expressões Hesitativas	Itens Funcionais	Marcadores Discursivos	Fragmentos Lexicais	TOTAL
Entrevista Francês	24	16	13	1	4	58
Entrevista Português	35	5	24	2	10	76
TOTAL						134

Fonte: O pesquisador.

Constata-se, na tabela 3, uma frequência considerável de fenômenos prosódicos (42% E.F. e 46% E.P.)¹⁴ em comparação aos outros quatro aspectos formais na estratégia de hesitação: 27% E.F. e 7% E.P. de expressões hesitativas, 22% E.F. e 32% E.P. de itens

¹⁴ E.F. é entrevista em francês e E.P. é entrevista em português.

funcionais, 2% E.F. e 3% E.P. de marcadores discursivos, 7% E.F. e 12% E.P. de fragmentos lexicais.

Em relação à presença maior de fenômenos prosódicos, isso se deve ao fato de haver muitos alongamentos vocálicos.

(13)¹⁵ Rilès: ..Et c'est quand j'ai fait *un*:::,
 ..une reprise de:,
 ..Euh:::,
 ..Call me maybe, je sais plus qui qui chante cette chanson là,

(14) Fernanda: Isso aí é o disco o primeiro projeto solo,
 ..onde brilhem os olhos seus.
JÔ: Olha que legal essa capa.
Fernanda: Um disco que *começo*:::,
 ..por causa de um e-mail do Néilson Motta para mim

Os trechos (13) e (14) ilustram o fenômeno prosódico nas suas duas variações: pausa e alongamento. No fenômeno de pausa, em 13, após o entrevistado dizer “Euh:::”, ele demora um certo tempo para se lembrar do nome da canção dita logo em seguida. Em 14, após Fernanda dizer “primeiro projeto solo”, há um silêncio e ela conclui dizendo o nome do disco. Sobre alongamentos, em (13), há o alongamento de “un:::” e, no turno seguinte, faz-se uma correção para “une”. Em (14), o alongamento se dá no final da palavra “começo:::”. Esses casos são comuns na fala espontânea, afinal, pode haver alguma falha no processamento de informação, fazendo que o falante precise usar algum recurso linguístico a fim de ganhar tempo.

(15) JÔ: AHN:::
 ..Vamo começar com/ diz qu/ diz que fui por aí.
 Diz que fui por aí.

No que tange às expressões hesitativas, o exemplo (13) ilustra esse recurso na entrevista em francês, quando Rilès preenche a pausa com “Euh”. E, na entrevista em

15 ..E é quando eu fiz um:::,
 uma gravação de...,
 ..É:::...
 ... *Call me maybe*, eu não sei mais quem quem canta essa música. (tradução própria)

português, a expressão hesitativa aparece em (15), quando Jô começa seu turno de fala com “AHN:::”. Outro ponto que cabe ressaltar sobre as expressões hesitativas é quais expressões foram observadas em ambas as entrevistas. Na de língua francesa, observaram-se as seguintes expressões: *Euh; ê::; Bah; AH::; UEH::*, e na de língua portuguesa foram: *OPA; Ah::; Hum; AHN; Hein*.

(16)¹⁶ Rilès: C'est pas si compliqué que ça en fait APRES si i a eu des années de:: de:: de pratique parce qu'après l'époque/

(17) JÔ: AGORA VEM CÁ::
 ..Porque que voc/ por/ porque que LOGO que ela/ que ela::: começou a cortar,
 ..você ao v/ ao enxerGAR,
 ..num/ mandou parar?

O item funcional, entendido como elemento linguístico sem significado referencial, aparece nos excertos (16) e (17). Em (16), há uma repetição da preposição “de:: de:: de” a fim de ganhar tempo para construir a sua fala. Já no trecho (17), observa-se o item funcional aparecendo no alongamento e repetição da conjunção e do pronome “que ela/ que ela:::”.

(18)¹⁷ Rilès: J'sais pas si c'est bien que j'dise ça/ avec un logiciel cracké.
 ..Et:: toutes les quarante minutes il s'fermait le logiciel,

(19) Fernanda: Sou eu,
 ..co:::m sei lá/ SEIS meses eu acho.
 ..Seis meses já tô sentada né pelo menos.

Os marcadores discursivos acumulados apareceram de maneira bem escassa nas entrevistas, somente uma vez na francesa e duas na portuguesa. O exemplo 18 mostra o acúmulo do marcador discursivo em francês, o entrevistado falava sobre o uso de um programa não licenciado e, antes disso, ele fala “j'sais pas” e “c'est bien que”. Na entrevista

16 Rilès: Não é tão complicado que faz isso após se houve anos de:: de:: de prática porque depois da época/ (tradução própria)

17 Rilès: Eu não sei se é bom que eu diga isso/ com um programa não licenciado.
 ..E::: a cada quarenta minutos fechava o programa, (tradução própria)

em português, o acúmulo acontece na fala de Fernanda. Ao falar sobre uma foto, ela utiliza o recurso de acúmulo de marcador para tentar marcar uma possível idade: “com sei lá” e “eu acho”.

(20)¹⁸ Rilès: Tu peux apprendre à *coudr/ à coudre* sur internet tu peux apprendre à faire ce que tu veux même de la peinture.

(21) Fernanda: E aí *lógi/ lógico* que ele me convenceu, né? Com aquela convers/

Por fim, sobre hesitação, os trechos (20) e (21) exemplificam a utilização do recurso de fragmento lexical. Em (20), Rilès comenta sobre o que se poderia aprender na internet e, em dado momento, há hesitação com o corte na palavra “*coudr/ à coudre*”. Por outro lado, no trecho (21), Fernanda comenta sobre ter aceitado o convite para criação de um novo disco, a palavra cortada que ilustra a hesitação é em “*lógi/ lógico*”.

A ação de hesitar entra em consonância com o que fora dito pela teoria levantada na presente dissertação. A hesitação é um dos inúmeros recursos linguísticos que os falantes utilizam para corrigir alguma falha na elaboração do seu texto falado.

3.3 Interrupção

A ocorrência de interrupção também é constante em ambas as entrevistas. Na tabela a seguir, apresentam-se a quantidade de ocorrências e seus tipos.

TABELA 4 – Interrupção: autointerrupção x heterointerrupção

	Autointerrupção	Heterointerrupção	TOTAL
Entrevista Francês	4	7	11
Entrevista	7	16	23

18 Rilès: Você pode aprender a *costu/ a costurar* na internet você pode aprender o que quiser até mesmo pintura.

Português		
TOTAL		34

Fonte: O pesquisador.

Nota-se, de acordo com a tabela 4, maior frequência de interrupções causadas pelo interlocutor, ou seja, heterointerrupção. Na entrevista em francês, a heterointerrupção tem frequência de 64%, ao passo que a autointerrupção tem frequência de 36%. Na entrevista em português, 70% das interrupções são realizadas pelo interlocutor e 30% pelo próprio detentor do turno de fala.

(22)¹⁹ Rilès: ..j'ai fait un concert il vient me voir dans les loges *il me fait*::,
 ..wesh mec pourquoi t'es pas connu?
 ..j'fais gros j'sais pas non plus.
 ..et APRES *il me fait/ il m'a proposé* de faire une interview j'étais PA :::S à chaud parce que je me sentais pas prêt forcément à l'époque.

(23) JÔ: Agora EU QUERIA uma:./ *uma palinha*::: *vamo ouvir o o/*
 ..A bom e/
 ..Você sabe que eu,
 ..era apaixonaDO pela Nara né achava uma/
 ..Uma pessoa f/
 ..Fantástica uma VOZ,
 ..incrível também né e uma doçu::ra uma coisa assim,
 .. que eu acho que voCÊ,
 ..DEve conseguir tamBÉ::M né.
 ..Eu acho que o Nelsinho::,
 ..foi na mosca.
 ..Então *vamo/ vamo ouvir* prime::IRO deixa eu ver o que tem aqui eu fiz uma listinha ma/
 ..Eu acho que vou muDA a lista sei lá.

Os trechos (22) e (23) mostram o recurso de autointerrupção, ou seja, o próprio detentor do turno de fala faz a interrupção. Ambos ocorrem de maneira similar, pois há a continuação de fala “*il me fait*” e “*vamo ouvir*”, logo em seguida, em ambos os casos, há o

19 Rilès: Eu fiz um show ele veio me ver no camarim e me perguntou::,

„ueh cara por que você não é conhecido?

..eu fui grosso eu não faço ideia.

.. e DEPOIS ele me perguntou/ ele me propôs de participar de uma entrevista eu NÃ:::O estava animado porque eu não me sentia realmente pronto na época. (tradução própria)

acréscimo de um parêntese e, posteriormente, é retomado o fluxo informacional com o uso de estruturas similares às interrompidas: “il me fait” e “vamo/ vamos ouvir”.

(24)²⁰ Rilès : OUAIS, non, *tout sing/*

[
Laurent : et commencer à::: faire une tournée sans album.

Rilès : OUAIS,

..zéro:: zéro:: *album,*

..que des *single.*

(25) Fernanda: Não é um/ *é uma atração/*

[
JÔ: Que os rapazes ficam ## monGA.

Fernanda: *É uma atração* muito popular assim de parquinho,

A constatação observada nos trechos (24) e (25) é de interrupção feita pelo interlocutor, ou seja, heterointerrupção. Em (24), o detentor do turno de fala é Rilès, que comenta sobre começar sua *turnê* sem nunca ter feito um álbum de estúdio, porém ocorre o assalto por parte de Laurent para enfatizar essa informação, e, em seguida, Rilès confirma dizendo que não possuía álbuns, somente *singles*. Em (25), Fernanda comentava sobre a atração de circo, a Monga, e é interrompida por Jô (assalto de turno), que faz um comentário no intuito de entreter, e, no turno seguinte, Fernanda retoma sua fala para concluir seu pensamento.

Outro fator relevante acerca da interrupção é a maneira como é feita a retomada do segmento interrompido. Nos trechos (22), (23) e (25), há uma retomada nos níveis sintático e lexical, ou seja, os falantes utilizaram as mesmas estruturas interrompidas: “il me fait”, “vamo ouvir” e “é uma atração”. Por outro lado, no exemplo (24), a retomada do segmento informacional é feita no nível semântico, ou seja, substituiu-se o segmento interrompido por um equivalente, foi de “*tout sing*” para “*zéro album.. que de singles*”.

20 Rilès: não, tudo sing/

Laurent: e começar a::: fazer uma turnê sem álbum.

Rilès: Sim,

..nenhum:: nenhum:: álbum,

..apenas *singles*. (tradução própria)

Assim como hesitar, interromper também faz parte das estratégias para construir um texto falado. Nota-se que os exemplos ilustram como a interrupção serve para preencher um vazio, ou, ainda, uma necessidade de trazer à tona alguma informação complementar que o falante julga pertinente para esclarecer o tópico discursivo.

3.4 Repetição

Repetir significa produzir um mesmo segmento mais de uma vez, ou seja, a primeira entrada é caracterizada como matriz (M) e as subsequentes como repetições (R). Não se levará em consideração a repetição de palavras cujo significado é intensificar uma resposta, enfatizar um contexto, como, por exemplo, no trecho (24) em que se diz: “zéro:: zéro::”, ou em (25) “vamo/ vamo”. Os segmentos considerados serão aqueles cuja função seja de listagem, amálgamas sintáticos e enquadramento sintático discursivo. A quantidade de ocorrências de repetição é apresentada na tabela a seguir.

TABELA 5 – Repetição: autorrepetição x heterorrepetição

	Autorrepetição	Heterorrepetição	TOTAL
Entrevista Francês	8	5	13
Entrevista Português	8	14	22
TOTAL			35

Fonte: O pesquisador.

Na tabela 5, observa-se a estratégia de repetição dividida em autorrepetição e heterorrepetição, ocorrendo em ambas as entrevistas (francês e português). As repetições feitas pelo enunciador de (M) ocorreram em 62% na entrevista em língua francesa e em 36% na entrevista em língua portuguesa. Já nas repetições feitas pelo interlocutor, ou seja, (R) não é proferido pelo enunciador de (M), elas ocorreram em 38% nas entrevistas em francês e 64% na entrevista em português.

(26)²¹ Rilès : Ouais/

Bah oui *internet sans internet* j’aurais pas eu la vidéo D’SE::B *sans internet* je ne saurais pas faire du mix du mastering,

..*sans internet*/ J’ai appris à monter des clips *sur internet*,

..Mon clip Brothers j’l’ai monté:: *avec*/

..j’sais pas si c’est bien que j’dise ça/ *avec* un logiciel cracké.

..Et:: toutes les quarante minutes il s’fermait le logiciel,

..et j’ai appris à:: *bidouiller* des trucs mais *avec internet*,

(27) Fernanda: Sou eu,

..co:::m sei lá/ *SEIS meses* eu acho.

Seis meses já tô sentada né pelo menos

O exemplo (26) ilustra o uso de repetição para a criação de uma listagem, ou seja, Rilès faz uma lista de coisas que ele fez graças à Internet. Ele introduz o enunciado matriz logo no início do turno de fala e o repete com algumas variações: “*sans internet*”; “*sur internet*”; “*avec internet*”. Já em (27), também se verifica uma autorrepetição, porém não na forma de listagem, mas sim corroborando uma informação dita por Fernanda, no caso, a idade dela na foto “*seis meses*”.

(28)²² Laurent : *il y aura des cuivres ?*

Rilès : *Il y auRA de cuivres Il y aura TOUT,*

..*il y aura TOUT*

Laurent : sur la chanson ‘e a verdade’ qui est une de me:::s préférées *il y en a des cuivres.*

..Ecoutez écoutez.

(29) JÔ: Ou É uma MONga de viaja e/

Fernanda: Não É UMA franquia de mongas.

JÔ: É FRANQUIA isso que eu quer dizer é fran/

21 Rilès: Sim/

Mas sim sem *internet* eu não teria o vídeo com SEB sem *internet* eu não saberia fazer mixagem com as músicas,

..sem *internet*/ eu aprendi a montar *clips* na *internet*,

.. Meu clip “*Brothers*” eu o criei com.../

Eu não sei se é bom que eu diga isso/ com um programa não licenciado.

..E:: a cada quarenta minutos fechava o programa,

.. e eu aprendi a:: mexer nas coisas mas com a *internet*, (tradução própria)

22 Laurent: Haverá metais?

Rilès: HaveRÁ meais haverá TUDO,

..haverá TUDO

Laurent: na canção “e a verdade” que é uma das mi:::nhas preferidas há metais.

..Escutem escutem. (tradução própria)

..*Franquia da monga.*
 ..Cadê a foto deixa eu ver.

Com relação à heterorrepetição, os segmentos de fala (28) e (29) a exemplificam, pois os enunciados matrizes e os repetidos são proferidos por pessoas diferentes. Em (28), o entrevistador Laurent pergunta se na canção “il y aura de cuivres?”, e, logo em seguida, o entrevistado repete exatamente (M) e o amplia dizendo “il y aura tout” duas vezes. Essa ocorrência também é observada em (29), porém sem a repetição *ipsis litteris*, ou seja, há pequenas modificações. O que se observa é o enunciado matriz produzido por Fernanda: “É uma franquia de mongas” e, imediatamente após, Jô repete a palavra “franquia” e “franquia da monga”.

A repetição nas entrevistas expressou diversas funções (listagem, ênfase, etc.), pois seu uso faz parte da organização e da elaboração da fala. O ato de repetir, na perspectiva textual-interativa, permite ao falante obter maior coesão em proferir o seu texto e, com isso, conduzir com mais êxito o tópico discursivo. Repetir um segmento já dito permite ao falante ganhar tempo e, com isso, elaborar outros componentes de sua fala com mais tempo.

3.5 Correção

Considerada como revogação de um enunciado fonte (E.F.) por um enunciado reformulado (E.R.), a correção é observada sob três aspectos: autocorreção autoiniciada, autocorreção heteroiniciada e heterocorreção autoiniciada. Na tabela a seguir, apresenta-se a quantidade de ocorrências de cada tipo de correção nas duas entrevistas analisadas.

TABELA 6 – Tipo de correções nas entrevistas

	Autocorreção Autoiniciada	Autocorreção Heteroiniciada	Heterocorreção Autoiniciada	TOTAL
Entrevista Francês	4	-	-	4
Entrevista Português	1	-	6	7
TOTAL				11

Fonte: O pesquisador

Se comparada aos outros fenômenos analisados até aqui, a correção ocorre com menor frequência. Uma possível explicação para tal fato é que os diálogos analisados são entrevistas nas quais se pressupõe uma preparação prévia das perguntas e das repostas, ou seja, um diálogo semirrotalizado. Acerca das ocorrências na entrevista em francês, 100% dos casos foram de autocorreções autoiniciadas. E, em língua portuguesa, somente um caso de autocorreção autoiniciada e os demais, 6 de 7 (86%), foram de heterocorreção autoiniciada.

(30)²³ Laurent: Ah tiENS, PARLONS-EN justement du peintre,
 ..parce que *ce ce PEINT cette poCHE::tte*,
 ..c'est un portrait de vous alors en plus avec beaucoup de::: enfin fin/ ça prouve que::: vous
 ave::z utilisé vos bras et vos mains ah::: il y en a beaucoup sur ah::/ ce portrait qui l'a fait ?

(31) JÔ: O LI::vro ,
 ..E o *úl::timo*,
 ..do/
 ..u:: *último não o MAIS recente*.
Fernanda: O mais recente do Pato Fu::/
JÔ: Pato Fu tá aqui.

Exemplos das ocorrências de autocorreção autoiniciadas são observados nos trechos (30) e (31). Em (30), Laurent comenta acerca da capa do CD do cantor Rilès e pergunta sobre a pintura “*ce PEINT*”, mas, em seguida, corrige-se e diz capa “*cette poCHE::tte*”, e, para isso, há um aumento da entonação vocal. Esse fenômeno de aumento da voz também é observado na entrevista em português. No exemplo (31), Jô, acerca do CD da banda Pato Fu, e ao perceber que disse “*E o úl::timo*”, invalida o enunciado “*último não*” e aumenta sua entonação para dizer que é o “*MAIS recente*”.

(32) Fernanda: Tá disfarçado ali *tá disfarçado*.

JÔ: Eh.
 ..*MAL disfarçado*.
Fernanda: *É:::.*

23 Laurent: Ah enTÃO, FALEMOS justamente de pintura,
 ..porque este esta pintura esta Capa,
 ..é um retrato de você então mais com muito de::: enfim enf/ isso prova que::: você utilizo:::u seus braços e suas
 mãos ah::: há muito disso sobre ah::/ este retrato quem o fez? (tradução própria)

(33) JÔ: AGORA E AQUI é o *Último*,
..do Pato Fu?

Fernanda: *O mais recente*.

JÔ: *O mais recente::te claro*.

Fernanda: O nono álbum do Pato Fu.

Os exemplos (32) e (33) são ambos da entrevista em língua portuguesa e ilustram ocorrências de heterocorreções autoiniciadas, não sendo observada ocorrência alguma desse fenômeno na entrevista em francês. Vale lembrar que esse tipo de correção, típica de uma conversação espontânea, ocorre quando o enunciador emite um E.F., há uma infirmação por parte do interlocutor, e o novo enunciado (E.R.) é emitido pelo responsável do E.F. O que se observa nos exemplos acima é uma repetição em (33), ou seja, a interlocutora Fernanda corrige dizendo que o álbum de sua banda é “O mais recente”, e essa informação é repetida pelo Jô. E em (32), não há uma repetição literal do ER, porém há um aceite do que foi dito.

Consideram-se os exemplos (33) e (34) como heterocorreções autoiniciadas por haver, na entrevista em língua portuguesa, um outro tipo de correção sem o aceite do responsável pelo E.F., ou seja, somente o interlocutor invalida o enunciado e, por pressuposição, há um E.R. Os trechos a seguir ilustram esse fenômeno.

(34) JÔ: E como é que você deixou de ser japonesa de repente?

Fernanda: *Eu não deixei não*.

[
JÔ: Conta pra mim.

Fernanda: *Não ainda tô ainda tô japonesa*.

[
JÔ: *NÃ::O mas eu digo o ROSTINHO ALI::/*

Fernanda: *É::*

JÔ: *É muito mais MARCA::DO como um/ como um/ uma/ uma/ UM BEBÊ japonês aliás,
..LI::NDA li::nda*.

(35) JÔ: Que coisa mais bo/ e/ e OLHA continua aquela/

[
Fernanda: O QUE que virou né.

JÔ: Hein.

Fernanda: *Era um bebê tão bonito e virou isso*.

JÔ: *Vi/ virou uma moça muito bonita ué!*

..VOLta a ANTErior um instante.

Como mencionado anteriormente, observam-se, nos excertos (34) e (35), invalidações dos enunciados fontes (E.F.), porém sem que o responsável o diga ou mesmo repita o E.R. A correção parte do interlocutor, em (35) Jô afirma que Fernanda deixou de ser japonesa e pergunta como foi o processo, porém ela diz que não deixou de ser e que continua. O mesmo ocorre em (35), nesse exemplo, Fernanda diz que foi um bebê muito bonito, mas, ao crescer, tornou-se “isso” (com sentido pejorativo), porém há uma invalidação desse enunciado por parte do interlocutor (heterocorreção) sem que o responsável pelo E.F. o valide. Portanto, além desses dois exemplos, há mais dois casos semelhantes na entrevista em português, o que poderia ser enquadrado como heterocorreção heteroiniciada, entendida como um tipo de correção que parte do interlocutor sem uma validação ou, pelo menos, um aceite formal do responsável pelo E.F.

Em uma fala espontânea, há de se presumir que os participantes da conversa, por não terem muito tempo entre elaborar e externalizar seu texto, podem proferir alguns dizeres que precisam ser invalidados e corrigidos. Como já mencionado, a semirrotetização nas entrevistas mostrou ser uma das causas para evitar o excesso de correção nas falas. Porém, deve-se considerar também o local de fala dos participantes das entrevistas. Ambas entrevistas foram exibidas em canais televisivos de grande audiência, portanto considera-se também que o suporte do gênero entrevista teve papel em evitar um uso exacerbado de correção.

3.6 Parentetização

Na perspectiva textual-interativa, a parentetização é a inserção de novas unidades tópicas que se desviam da atual, porém com retomada dessa em um momento posterior. Em outras palavras, parte-se do assunto “A”; desvia-se, via parênteses, para o assunto “B”; e, por fim, retoma-se o tópico “A” novamente. Na tabela abaixo, apresenta-se a quantidade de ocorrências de parentetização de acordo com as marcas formais de inserção parentética.

TABELA 7 – Parênteses – No segmento parentético x No segmento-contexto

	No segmento parentético	No segmento-contexto	TOTAL
Entrevista Francês	8	6	14
Entrevista Português	10	6	16
TOTAL			30

Fonte: O pesquisador.

A tabela 7 revela o número de ocorrências de inserções parentéticas em cada entrevista analisada. Em ambos os casos, observa-se uma ocorrência mais comum de parênteses cuja marca formal está no segmento parentético, 57% na entrevista em francês e 66% na entrevista em português. E as ocorrências de parênteses no segmento-contexto das entrevistas em francês e em português ocorreram, respectivamente, em 43% e 34% dos casos.

(36)²⁴ Rilès :..t'arrêtes la salle tout ce que tu veux,
 ..bon/ ça fait un peu mal au mental des fois mai ::s ça a payé parce que en sortant/
Laurent : çaf'sait
 PAS un an qu'vous faisiez ça qu'un jour y a un youtubeur qui s'appelle *je connais pas SEB*::/?
Rilès : Seb la frite ouais .
Laurent : Seb la frite.

(37) Fernanda: E a gente começou a fazer o disco::,
 ..se:::m sem nenhuma::: pretensão na verdade não tinha um:::,
 ..uma DATA de lançamento nem nada a gente começou a troca/
 ..MP3.
 ..Eu gravei num estúdio que eu tenho em casa.
 ..Com produção do John que né/ *que é o meu marido também*.
 ..Produtor do Pato Fu/

[
JÓ: Cadê o Marido? Tá ali.

Fernanda: Tá disfarçado ali tá disfarçado.

24 Rilès: você para a sala tudo que você quer,

..bom/ isso causa um pouco de dor de cabeça as vezes ma:::s isso pagou porque saindo/

Laurent: Não fazia um ano que você fazia isso e que um dia um *youtuber* que se chama eu não conheço SEB:::/?

Rilès: Seb la frite sim.

Laurent: Seb la frite. (tradução própria)

Os exemplos (36) e (37) ilustram os parênteses que apresentam marca formal no contexto parentético. Em ambas as entrevistas, os segmentos em destaque foram produzidos com uma alteração na cadência ou na entonação. Em (36), Laurent, ao proferir o trecho em destaque “je connais pas”, articula de maneira mais rápida que os segmentos anterior e posterior. Já em (37), Fernanda, ao sair do tópico discursivo que tratava sobre a gravação do seu disco, diminui o tom da sua voz no trecho em destaque dizendo que um dos integrantes da banda e produtor é seu marido e, logo em seguida, volta ao tom normal continuando o tópico interrompido.

(38)²⁵ Rilès :.DES JUSTE DES VIDEOS de reprise à la guitare sans forcément chanter...
..et après j’voyais que les gens y -z- étaient en mode C'EST BIEN continue,

25 Rilès: SOMENTE VÍDEOS de gravação de violão sem necessariamente cantar...
,, e com isso eu via as pessoas vai lá estavam incentivando É BOM continue,
.. e progressivamente isso é um grão que eu plantei que se tornou..
.. o que sou hoje mas tudo começou com o violão e,
.. E MEU PAI F/
.. preciso que eu conte a história do violão,
.. é preciso que eu conte a história do violão.
Laurent: Vai lá.
Rilès: Você conhece antiquário ou não?
Laurent: Não.
Rilès: É uma loja de antiguidades que vendem objetos já utilizados.
Laurent: Ok.
Rilès: Eu ia lá todos os domingos com meu pai,
..Todos os domingos a gente/ a gente IA lá e houve um domingo::,
.. em PARTicular que eu fui lá,
..e havia um rapaz ele chegou na loja muito bravo,
..muito bravo “é inadmissível”,
..eu não entendi o motivo dele estar MUIto BRAvo.
,, de fato ele ESTAVA BRAVO porque:::,
..ele deu um objeto para a loja e eles lhe deram como um bom negócio.
.. ele queria somente ter o seu dinheiro o rapaz.
.. o rapaz estava nervoso:: nervoso:: mas eu eu era pequeno eu tinha oito anos na época.
.. ele veio até mim e disse toma garoto,
.. é para você o bom negócio cento e cinquenta euros equivalente.
.. e agora eu fiquei como um LOUco eu tenho::: / eu ia comprar todos os jogos *Pokémon* que eu quiser.
..e meu Pai ele Pegou o ticket e ele esperou.
..eu vou fazer um negócio,
..eu vou testar o violão que está lá..
.. ele vai servir para alguma coisa no futuro,
..eu não senti utilidade naquilo..
..até tipo cinco anos seis anos mais TARDE.
...Mas é com aquele violão lá que eu comecei justamente a fazer minha primeira registro,
... e progressivamente a começar a me gravar. (tradução própria)

.. et de fil en aiguille ça c'est une graine que j'ai plantée qui est devenue..
 .. ensuite qui je suis aujourd'hui *mais ça a commencé avec la guitARE* et,
 .. ET OUI MON PERE f/
 ..faut qu'je RACOnTe l'histoire de la guitare,
 ..il faut que je raconte l'histoire de la guitare.

Laurent : Allez-y

Rilès : Vous connaissez cash occas' ou pas ?

Laurent : Non

Rilès : c'était un magasin à l'époque qui:: vendait des objets déjà utilisés.

Laurent : Ok

Rilès : j'y allais tous les dimanches avec mon père,

..Tous les dimanches on/ on y allAIT et y avait un dimanche::,

..en PARTiculier j'y suis allé,

.. et y a un mec il arrive dans le magasin « i » pète un câble,

..pète un câble « c'est inadmissible »,

..j'compreNAIS pas pourQUOI « i » PÉtait un Câble.

..en fait « i » PETAIT UN CABLE parce que::,

.. il a donné un objet à ce magasin là cash occas' et ils lui ont ren::du juste un bon de::: d'achat.

..Il voulait juste avoir son liquide le gars.

..*Le gars il était énervé:: énervé::* mais moi j'étais petit j'avais 8 ans à l'époque.

..i vient M'VOIR il fait tiens petit,

..c'est pour toi le bon d'achat 150 euros, équivalent.

..et alors moi j'étais en mode comme un DINgue j'ai::/ j'allais acheter tous les jeux Pokémon
 c'que j'veux.

..et mon PÈre i PRENd le ticket et i fait attend.

..J'vais faire un truc,

..j'vais tester la guitare qui est là-bas.

..Elle va servir que/

..à quelque chose au moins dans le futur,

J'men suis pas servi.

Jusqu'à genre 5 ans, 6 ans plus TARD.

..*Mais c'est avec cette guitare là que j'ai commencé justement à faire ma première reprise,*

..et de fil en aiguille à commencé à::/ m'enregistrer

(39) JÔ: Agora EU QUERIA uma::/ uma palhinha:: *vamo ouvir o o/*

..*Ah bom e/*

..*Você sabe que eu,*

..era apaixoNado pela Nara né achava uma/

..Uma pessoa f/

..Fantástica uma VOZ,

..incrível também né e uma doçu::ra uma coisa assim,

.. que eu acho que voCÊ,

..DEve conseguir tamBÉ::M né.

..Eu acho que o Nelsinho::,

..foi na mosca.

..Então vamo/ *vamo ouvir* primE::IRO deixa eu ver o que tem aqui eu fiz uma listinha ma/
 ..Eu acho que vou muDA a lista sei lá.

As marcas formais que aparecem no segmento-contexto são ilustradas nos exemplos (38) e (39). Em (38), os trechos em destaque “*mais ça a commencé avec la guiTARE*” e “*c'est avec cette guitare là que j'ai commencé justement à faire ma première reprise*” apresentam o mesmo valor semântico, ou seja, o cantor Rilès conta que começou sua carreira musical com um violão, em seguida, narra a história de como conseguiu a guitarra, e, por fim, retoma o tópico de que começou sua carreira musical via guitarra. E, no excerto (39), o fragmento que antecede ao parêntese é “vamo ouvir” em destaque, inicia-se o parêntese com “*Ah bom e/ Você sabe que eu*” em que o entrevistador expõe seu gosto pessoal pela cantora Nara, sendo que o assunto do turno de fala é solicitar uma música para a entrevistada, que é retomado com a repetição do segmento interrompido “*vamo ouvir*”.

As inserções parentéticas mostraram-se um recurso bem comuns nas entrevistas analisadas. Elas foram utilizadas pelos falantes por notarem que, no ato de produção de seus textos orais, outros tópicos são importantes para compreensão geral do que está sendo dito.

3.7 Tematização e rematização

Por fim, a última estratégia proposta para análise em ambas as entrevistas é tematização e rematização. Como já mencionado no capítulo de análise, optou-se por um enfoque na sequenciação tema-rema, por se tratar de enunciados cujo destaque é expresso desde o início, indicando ao interlocutor aquilo de que se tratará.

As tematizações nas entrevistas, divididas em grau de integração sintática, são apresentadas na tabela a seguir:

	Tema marcado (expressões)	Tema marcado (com retomada)	Tema marcado (sem retomada)	Tema livre	Construções com deslocamento	Construções justapostas	TOTAL
Entrevista Francês	2	4	3	-	1	-	10
Entrevista Português	1	5	2	-	2	-	10
TOTAL							20

Fonte: O pesquisador.

A tabela 8 revela o número de ocorrências de tematização de acordo com sua manifestação linguística. Tema marcado por meio de expressões representa 20% das ocorrências na entrevista em língua francesa e 10% na entrevista em língua portuguesa. Tema marcado com retomada de algum elemento sintático em francês corresponde a 40% das ocorrências e em português 50%. Tema marcado sem retomada de elementos linguísticos observa-se uma ocorrência de 30% em francês e 20% em português. E as construções com deslocamento nas entrevistas de língua francesa e portuguesa analisadas ocorreram 10% e 20% respectivamente.

(40)²⁶ Laurent : [bruits] ILS VIEnnent d'Algérie *vos parents*?

Rilès : exactement/

Laurent : vous êtes né en Normandie ?

Rilès : Ouais

(41)²⁷ Laurent : ils sont fiers *les parents* ?

26 Laurent: [barulhos] ELES VÊem da Argélia seus pais?

Rilès: Exatamente/

Laurent: você nasceu na Normandia?

Rilès: Sim. (tradução própria)

27 Laurent: Eles são orgulhosos seus pais?

Rilès : Oui, Ils son fiers j’pense

Laurent : Ils ne regrettent pas qu’vous soyez pas médecin ?

Rilès : Non, non, non. Tan/ tant que la ::: tant que la famille, est à l’abri le resto euh :::

Os exemplos (40) e (41) ilustram falas com tematização à direita, ou seja, as informações temas das frases estão deslocadas para o final e são representadas antes por meio de pronomes. Em (40), Laurent pergunta acerca da nacionalidade dos pais de Rilès, e a informação “pais” só vem ao final da frase “*vos parents*”. O mesmo fenômeno é observado no exemplo (41), pois o entrevistador questiona se os pais de Rilès estão orgulhosos do fato de ele ter se tornado músico, e a informação “*les parents*” aparece somente ao final da sua fala. Além disso, em ambos os exemplos, as informações tema são representadas no início ou no meio das frases por meio do pronome “*ils*”.

(42) Rilès : Ouais.

..En fait quand ça a commencé justement la sauce quand il a commencé à monte::r,

..avec tout l’engouement qu’il y avait.

..Bon forcément *les labels ils* sont venus frapper à ma porte,

..ce qui est tout à fait normal.

(43) JÔ: Ah:: o *RAFAel* você teve uma experiência interessante com *ele* não teve?

..Pode tirar pode parar as fotos.

Fernanda: O *Rafael ele* foi uma coBAIa:: é:::,

..eu fui:::,

..me oferecer para cortar o cabelo dele,

As construções de fala com tema marcado com retomadas por meio de algum elemento gramatical (pronomes p. ex.) são vistas nos exemplos (42) e (43). Em (42), há uma marcação temática no fluxo de fala de Rilès sobre as gravadoras irem “bater a sua porta”, e, para isso, sua fala apresenta primeiramente o tema marcado “*les labels*” e, em seguida, retomada por meio de pronome “*ils*”. No exemplo (43), o fenômeno se repete com a mesma estrutura e por duas vezes, tanto na fala do apresentador como na da entrevistada. Novamente,

Rilès: Sim, eles são orgulhosos eu acho.

Laurent: Eles não lamentam que você não seja médico?

Rilès: Não não não. Tan/ tanto que a::: tanto que a família abriu um restaurante e::: (tradução própria)

o tema é apresentado primeiro “*O Rafael*” e, logo em seguida, retomado por meio do pronome “*ele*”.

Os instrumentos de tematização e rematização também se mostraram importantes nas entrevistas analisadas. Por meio deles, pode-se destacar que sua função de situar o tema (tópico) a ser discutido proporciona aos envolvidos na interação planejar a sequencialidade tópica. Além disso, outro papel fundamental depreendido destas sequenciações é estabelecer à audiência qual será o assunto discutido na entrevista.

Outro fator que cabe destaque é que as ocorrências de tema livre e construções justapostas não foram observadas em nenhuma das entrevistas analisadas. Uma possível explicação deve-se ao fato de que em ambos os casos não há uma ligação sintática ou lógico-semântica entre os enunciados, revelando o fato que, dentro de uma entrevista semioterrizada, tais relação se fazem necessárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar as discontinuidades da fala em duas entrevistas de programas de *talk-show*, pautando-se em estudos sobre a língua falada. Sob um viés da Perspectiva Textual-Interativa, pode-se considerar que os recursos linguísticos para elaboração do texto falado foram utilizados de maneira muito similar nas duas entrevistas.

Por se tratar de uma entrevista, há momentos em que as falas do entrevistador ocorrem de maneira não natural, ou seja, ele lê as perguntas (semirrotalizado), porém há momentos em que a conversa se aproxima de uma fala mais espontânea, em que há uma utilização maior das estratégias analisadas nesta dissertação. Por se tratar de entrevistas semirrotalizadas, contudo uma entrevista falada, esperava-se a ocorrência de recursos linguísticos próprios da língua falada. Esta hipótese foi corroborada, pois houve a presença de todos os fenômenos propostos, marcando assim inúmeras discontinuidades no fluxo textual e, assim, respondendo à pergunta proposta na introdução deste trabalho: no decorrer dos tópicos, a fala ocorre de maneira espontânea ou não? A resposta é sim, ou seja, as discontinuidades ou fragmentações na fala corroboram a hipótese de que a semirrotalização nas entrevistas é mais um princípio norteador dos tópicos discursivos, não necessariamente algo que precisa ser seguido tal como é posto.

Os dados revelaram também estratégias de construção de fala semelhantes nas entrevistas dos dois idiomas analisados na presente dissertação. Tanto em francês como em português, os participantes do processo interacional das entrevistas utilizaram os recursos de construção do texto falado de maneira semelhante. As estratégias de disputa por turnos, interrupções, hesitações, repetições, parentetizações apareceram de forma constante nas duas entrevistas, já as estratégias de correção e tematização/rematização foram pouco utilizadas.

Apesar de os dados revelarem um uso semelhante dos recursos analisados em ambos idiomas propostos, cabe ressaltar que em português, algumas das estratégias apresentaram uma ocorrência superior às observadas em francês. Como já mencionado, optou-se por entrevistas que apresentassem características semelhantes (tempo, assunto, profissão do entrevistado, etc.), portanto, os dados deveriam ser iguais e/ou muito próximos. Porém, observa-se que nos fenômenos de assalto de turno e interrupção (estratégias nas quais é

necessário que o interlocutor interrompa o turno do detentor da fala), a entrevista em português apresentou uma quantia maior de ocorrências. A explicação para este fato é que o português do Brasil não faz uso de recursos de tratamento formais de tratamento tais como os utilizados na língua francesa.

A língua francesa pode ser caracterizada como uma língua formal, pois os participantes do processo interativo analisado utilizam os pronomes de tratamento formais, ou seja, segunda pessoa do plural (vous). Contrário a isto, na língua portuguesa do Brasil, a forma de tratamento dos participantes da entrevista analisada é via segunda pessoa do singular (você).

Os assaltos de turno apresentaram várias funções comunicativas, dentre elas cabe ressaltar o desejo de deter o turno de fala e/ou de tentar extrair alguma informação a mais do interlocutor, assaltando o turno desse e colocando questões sobre o que foi dito no momento do assalto. As hesitações e as interrupções são fenômenos intrínsecos da fala, ou seja, de acordo com Jubran e Koch (2006), todo texto oral os apresenta com função de corrigir problemas no processamento de informação. E as estratégias de construção do texto (repetição, correção, parentetização, tematização-rematização) também são relacionadas às atividades de formulação usadas para corrigir possíveis problemas na construção do texto.

Vale destacar a estratégia de correção pelo fato de ter apresentado poucas ocorrências, se comparada com os outros elementos linguísticos analisados. A tabela 6 mostrou que a quantidade total de correções encontradas no *corpus* foi de 11 ocorrências. As possíveis hipóteses para estes casos são:

- A língua não é estática, mas sim maleável. Pode-se dizer que elementos estudados não necessariamente serão os mesmos para sempre. Eles mudam, se transformam.
- O *corpus* constituiu-se de entrevistas, portanto há destaque para a semirrotorização e o suporte (televisivo), que contribuíram para que os falantes não proferissem enunciados que precisariam ser invalidados.

Portanto, por mais que se tratasse de uma conversa programada, em que há uma preparação prévia dos assuntos discutidos durante a entrevista, a conversa ocorre de maneira similar a uma fala espontânea. A constatação é de que, nos dois *talk-shows*, o comportamento linguístico dos participantes do processo interativo se deu de duas maneiras: encontraram-se marcas de semirrotorização, ou seja, uma fala mais próxima a um texto escrito previamente,

em que o falante somente leu o que está escrito, sem a presença de recursos linguísticos próprios da fala, porém essas marcas só aparecem na introdução dos tópicos. E, também, de maneira natural e espontânea, afinal as falas também apresentaram vários truncamentos, assaltos de turno e outras estratégias investigadas na presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzevan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra – 6ª ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BARROS, Diana L. Pessoa. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.) **Fala e escrita em questão**. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 57-78.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. 1, p. 205-231, 2003.
- BONINI, A. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Postulados do paradigma interpretativista. In: BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 31-40.
- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (org). **Análise de textos orais**. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 1993.
- BURREL, R.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. Londres. Heinemann, 1979.
- CASTILHO, Ataliba T. Gramática do português culto falado no Brasil - quadro descritivo e perspectivas teóricas. In: **Linguística**. Associação de linguística e filologia da América Latina – ALFAL. vol. 15/16, p. 69-89, 2003-2004.
- CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al (eds). **Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.
- CHAFE, W. Discourse, consciousness and time. In: Chafe, W. **The Flow and Displacement of Conscious Experience in Reading and Writing**. University of Chicago Press, Chicago. 1994.
- CRESCITELLI, Mercedes F. de C.; SILVA, Maria Cecília P. de S. Interrupção. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). **Gramática do**

Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 71-87.

CRESWELL, J. W. Designing a Qualitative Study. In: CRESWELL, J. W. **Qualitative Inquiry & Research Design: choosing among five approaches.** 2nd ed. Thousand Oaks, London and New Delhi: Sage Publications, 2007. p. 35-52.

DENZIN, K.; LINCOLN Y. S. Introdução: a disciplina e a prática de pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) **Planejamento da Pesquisa Qualitativa.** Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino (org). **Análise de textos orais.** 3.ed. São Paulo: Humanitas, 1993.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. Correção. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 255-274.

GALEMBECK, Paulo T. O tópico em textos falados e escritos. In: GALEMBECK, Paulo T. **O tópico discursivo e os temas correlatos: Coletânea de textos.** Londrina. Mecenias, 2014a. p. 15-38.

GALEMBECK, Paulo T. O assalto de turno: continuidade ou ruptura. In: GALEMBECK, Paulo T. **O tópico discursivo e os temas correlatos: Coletânea de textos.** Londrina. Mecenias, 2014b. p. 91-104.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo. Atlas, 2012.

GOULARD, Felipe Vivian. **Ninguém Fala Assim! Idealização E Realidade Na Representação Da Fala Espontânea.** 2019. 86 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

HILGERT, José G. Parafraseamento. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 275-299.

KOCH, Ingedore G. V. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006a. p. 39-46.

KOCH, Ingedore G. V. Tematização e Rematização. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006b. p. 359-379.

JUBRAN, Clélia Cândida A. S. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português falado: Novos estudos**, Campinas, Humanitas. p. 131-157. 1999.

JUBRAN, Clélia Cândida A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a. p. 27-36.

JUBRAN, Clélia Cândida A. S. Parentetização. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b. p. 301-357.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo. Ática. 1999.

LAGE, Nilson. "O texto moderno". In: **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2005.

LINCOLN, Y.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) **Planejamento da Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. *Signótica*, Goiania, n. 9. UFGO, p. 119-146. 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Hesitação. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a. p. 48-69.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b. p. 219-253.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Lamparina, 2008.

PRETI, D. (Org.) **Análise de Textos Orais**. São Paulo: FFLCH / USP, 1993.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of the Turn-Taking for conversation. **Language**, v. 50, p. 696-735. 1974.

SCHWANDT, Thomas A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In.: DENZIN, N. K.;

LINCOLN, Y.S. (Eds.) **Planejamento da Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.193- 217.

TABOADA, María T. **Building coherence and cohesion : task-oriented dialogue in English and Spanish**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. 2004.

